



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

KAIAME TEILLA DE JESUS LIMA

**AS COMANDANTES DOS LARES: A trajetória e história das mulheres no serviço
doméstico em Francisco Santos-PI nos anos de 1990**

PICOS-PI

2016

KAIAME TEILLA DE JESUS LIMA

AS COMANDANTES DOS LARES: A trajetória e história das mulheres no serviço doméstico em Francisco Santos-PI nos anos de 1990

Monografia apresentada por **Kaiame Teilla de Jesus Lima** ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduada em História**. Elaborada sob orientação do prof. Ma. **Mona Ayala Saraiva da Silveira**.

PICOS-PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

L732c Lima, Kaiame Teilla de Jesus.

As comandantes dos lares: a trajetória e história das mulheres no serviço doméstico em Francisco Santos-PI nos anos de 1990 / Kaiame Teilla de Jesus Lima. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (71 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)-
Universidade Federal do Piauí., Picos, 2016.

Orientador: Prof^a. Mona Ayala Saraiva da Silveira.

1. Francisco Santos-Piauí-Mulheres. 2. Mulheres-História-Francisco Santos-PI. 3. Trabalho Doméstico-Francisco Santos-Piauí (1990). I. Título.

CDD 305.409



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao oito (08) do mês de Março de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Kaiame Teilla de Jesus Lima** sob o título **AS COMANDANTES DOS LARES: a trajetória e história das mulheres no serviço doméstico em Francisco Santos-PI nos anos 1990.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof^ª Ma. Mona Ayala Saraiva Silveira

Examinador 1: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador 2: Prof. Me. Luis Filipe Brandão Souza

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 08 de Março de 2016

Orientador (a): Mona Ayala Saraiva da Silveira

Examinador (a) 1: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Examinador (a) 2: Luis Filipe Brandão de Souza

Este trabalho é dedicado a minha mãe Maria Helena de Jesus, que exercendo a profissão de doméstica, batalhou bastante por toda a sua vida, sempre buscando realizar meus sonhos, não medindo esforço para me dar educação e não se queixando do ardor da labuta. A ti, minha mãe, dedico este trabalho e todo amor que preenche minha vida.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que merecem ser lembradas nesse momento devido a sua colaboração na construção de meus sonhos e concretização de meus objetivos, algumas em especial não podem deixar de serem mencionadas, assim gostaria de agradecer imensamente aos meus pais, Maria Helena de Jesus e José Irvaldo de Lima, por me darem amor, carinho e educação acima de tudo, por lutarem sempre e sempre para oferecer o que é indispensável à vida de um filho, obrigada por serem tão companheiros!!! Agradeço, também, a toda minha família por acreditarem no meu potencial, em especial agradeço ao meu irmão Kairon José de Moura e a minha avó Vilani Fernandes Távora, pelo apoio constante.

Agradeço as empregadas domésticas que possibilitaram a construção desse estudo, Maria do Socorro e Rosilma, Rosa Neuma e Rosa Margarida mulheres de força e coragem, que carregaram consigo o dever de cuidar de famílias que não eram suas, mulheres que me fazem lembrar do seguinte poema e as quais eu o dedico:

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade da alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado

A todas empregadas de Francisco Santos, que como minha mãe, se desdobraram para cuidar de lares, que batalharam a vida, sentiram sua amargura e felicidade, carregando toda a responsabilidade de ser mulher.

Agradeço a todos os professores do Curso de História da Universidade Federal do Piauí, cada um tem uma parcela significativa de colaboração ao meu aprendizado, em especial agradeço a minha orientadora Mona Ayala pela parceria na construção desse trabalho, por me ajudar a encontrar a sensibilidade necessária à construção deste trabalho, por me fazer encontrar-me sempre que me perdia em suas linhas, muito obrigada.

Obrigada a todos os meus amigos pelo apoio e por me compreenderem durante o período mais desafiante de minha vida.

Agradeço, ainda, a todos os meus colegas de curso, pelo companheirismo nessa longa jornada que se encerra, levarei vocês para sempre em meu coração.

Por todo amor e carinho compartilhado, meu muito obrigada!!!

Eu sempre respeitei meus patrões, todos e acho que fui respeitada, o que tinha era preconceito.

(Maria do Socorro).

RESUMO

O trabalho doméstico passou por inúmeras modificações ao longo dos séculos, sendo que antes no Brasil era realizado pelas escravas chamadas de mucamas. E, chegou logo adiante, a ser um trabalho mal remunerado e sem reconhecimento. Atualmente essa profissão é remunerada de acordo com leis específicas e regulamentada para melhorar a vida dos profissionais que atuam nessa área, mas nem sempre essa lei é cumprida. O presente trabalho tem o objetivo de mostrar uma análise a respeito do trabalho doméstico na cidade de Francisco Santos-PI, fazendo uma pesquisa a respeito da história dessa cidade bem como do trabalho doméstico na década de 1990, abordado a trajetória de vida, possibilidades e perspectivas de mulheres que exerceram a profissão de doméstica neste recorte temporal através da história oral, onde utilizamo-nos dos estudos de Halbwachs (1992), Le Goff (2003) e Pollak (1989) que ao discutirem a memória ajudaram-nos a pensar e trabalhar com história oral. Assim, este estudo pode constatar que as mulheres que vivenciaram o trabalho doméstico em Francisco Santos nos anos de 1990 carregam consigo essa experiência como parte constituinte de sua personalidade, assim como compreendemos que as empregadas de Francisco Santos na década de 90 muito aprenderam com seus patrões, absolvendo conhecimento e afastando-se de condutas errôneas que nos mesmos observavam.

Palavras chave: Francisco Santos. Trabalho doméstico. História das Mulheres.

ABSTRACT

Domestic work has undergone numerous changes over the centuries, and before in Brazil was done by slaves called maids. And then came forward to be a poorly paid job and no recognition. Currently this work is remunerated according to specific laws and regulated to improve the lives of professionals working in this area, but not always this law is fulfilled. This work aims to show a concerning domestic work analysis in the city of Francisco Santos-PI, doing research about the history of this city and of domestic work in the 1990s, addressed the trajectory of life, possibilities and prospects for women who exercised the profession of domestic this time cutting through oral history, where we use ourselves from Halbwachs studies (1992), Le Goff (2003) and Pollak (1989) that when discussing the memory helped us to join and work with oral history. Thus, this study may find that women who experienced domestic work in Francisco Santos in the 1990s carry with them this experience as a constituent part of his personality, as well as understand that the maids of Francisco Santos in the 90s much learned from their bosses , absolving knowledge and away from wrong behavior that the same watched.

Keywords: Domestic work. Modifications. Recognition. Remuneration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 FRANCISCO SANTOS-PI: UM OLHAR SOBRE AS MULHERES E SUAS VIVÊNCIAS NO CONTEXTO DA CIDADE.....	18
1.1 Nasce a terra dos “espiritados”: Fundação e desenvolvimento da cidade de Francisco Santos-PI.....	20
1.2 A cidade de Francisco Santos e sua tradição sertaneja.....	21
1.3 A educação em Francisco Santos: Possibilidades e perspectivas para as mulheres na década de 90 em relação ao estudo.....	27
2 DOMÉSTICAS DE FRANCISCO SANTOS-PI: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NO SERVIÇO DOMÉSTICO NOS ANOS 1990.....	34
2.1 Os caminhos que levaram ao serviço doméstico: A trajetória e história de vida das domésticas de Francisco Santos-PI.....	36
2.2 Empregadas domésticas de Francisco Santos-PI: Perspectivas e possibilidades para as mulheres da cidade além do serviço doméstico.....	44
3 “UMA GENTE DECISIVA, COMANDANTES DE OUTROS LARES”: AS RELAÇÕES DE TRABALHO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE FRANCISCO SANTOS.....	49
3.1 O laborar das empregadas domésticas de Francisco Santos.....	49
3.2 Como se fosse da família? A relação entre as empregadas domésticas de Francisco Santos e seus patrões.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	64
APÊNDICE.....	69

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha trajetória como acadêmica do curso de História da Universidade Federal do Piauí, uma indagação sempre esteve presente em minha mente e nas discussões travadas ao longo dos debates nas diversas disciplinas que constituíam a grande curricular de Licenciatura em História, está questão persistente dizia respeito ao tema a ser abordado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Como acontece com a maioria dos alunos em um período de descobertas e de construção de saberes, bem como possíveis caminhos a se percorrerem, ao passo que se toma gosto por uma ou outra corrente historiográfica e que um assunto lhe instiga os sentidos e parece pedir para ser desvendado, o que eu buscava estava bem ali onde começava minha vida, onde tecia-se minha história.

Filha de empregada doméstica em uma cidade pequena, com poucas oportunidades de emprego e crescimento, percebi que tinha muito mais nessa profissão do que o lavar, passar cozinhar e outras tantas tarefas realizadas pelas mulheres que se dedicam a cuidar de lares que não são seus. Cresci vendo minha mãe se desdobrar para atender todas as tarefas que minha casa lhe proporcionava e encarando corajosamente todas as tarefas que a (casa alheia)¹ lhe apresentava, com muito mais urgência e exigência do que aguardava o que havia para fazer em nosso humilde lar, sem, contudo, deixar de ser realizado com igual zelo e dedicação.

Percebendo que o trabalho doméstico é uma profissão que possibilitou a minha mãe contribuir para criar a mim e meu irmão de maneira digna, que o trabalho doméstico fez parte de sua história e que é construtivo de sua personalidade, compreendi que o mesmo é parte da história de vida de muitas outras mulheres, que o trabalho doméstico é a história de vida de mulheres, mulheres fortes, mulheres de luta, que entregaram-se a labuta, buscando meio de sobrevivência, meio de se tornar independente, de ajudar os pais, de criar um filho, mulheres que buscavam por construir uma vida. Encontrei muitas dessas mulheres em minha cidade, a pequena e pacata Francisco Santos², onde as condições da cidade apresentaram as mulheres poucas alternativas, a roça e o trabalho doméstico foram as principais delas.

No meio rural o trabalho era bastante árduo, era o acordar todo dia cedo, era o encarar o sol, a enxada, na cidade, nada de comércio e fábricas, Francisco Santos nunca ofereceu grandes possibilidades nesse âmbito, então restava o trabalho doméstico. A cidade de Francisco Santos não tinha também muitas famílias que pudessem pagar por uma empregada

¹Uma casa que não lhe pertencia, mas tinha que cuidar.

²Município brasileiro do Estado do Piauí, com pouco mais de sete mil habitantes.

doméstica, estas acabavam indo para outras cidades, a fim de trabalharem em casas de família. Então muitas mulheres da cidade de Francisco Santos acabaram por se tornarem domésticas por falta de opção, pois nada mais apresentavam-se as mesmas, a não ser a roça ou o trabalho em casas de outras pessoas. (RODRIGUES, 2015)

Consciente da realidade que fez com que muitas mulheres em Francisco Santos tornam-se empregadas domésticas, já sabia o que queria discutir no trabalho monográfico, a história de vida das mulheres franciscossantense empregadas domésticas, dessa forma, constituir-se-ia em uma história das mulheres.

Mediante a compreensão de todas essas questões, das quais fui tomando conhecimento tão logo crescia e observava a vida de minha mãe como doméstica e suas conversas com outras mulheres que exerciam a mesma profissão, percebi que essa vida, esse trabalho, era história, história das mulheres, mulheres domésticas de Francisco Santos, no Piauí.

Traçado o objeto dediquei-me a busca de material que pudesse viabilizar a construção do estudo, para a construção de um referencial teórico que pudesse embasar a história das mulheres de Francisco Santos, bem como pudesse a compreender a realidade do período abordado, a década de 1990.

Desse modo, a pesquisa intitula-se *AS COMANDANTES DOS LARES: A trajetória e história das mulheres no serviço doméstico em Francisco Santos-PI nos anos de 1990*, o que deve-se ao fato de muitas jovens nessa cidade piauiense tornarem-se domésticas porque não encontravam outra ocupação a não ser o trabalho no campo, o qual se mostrava bastante árduo, pois a cidade de Francisco Santos no anos de 1990 apresentava uma realidade que não difere muito da que pode ser observada na realidade, com pouco desenvolvido e poucas possibilidades de trabalho para seus habitantes, o que levou as jovens da cidade que precisavam de trabalho, de uma forma de se sustentar e ajudar suas famílias, a trabalharem em lares que não eram seus, mas que muitas vezes torvam-se sua moradia, ao tempo que muitas jovens até mesmo deixavam a cidade para buscar emprego em regiões vizinhas.

Assim, para a concretização deste estudo a fonte oral e bibliográfica foram necessárias, de modo que ambas se integram a fim de narrar a história das mulheres domésticas de Francisco Santos. Para a construção do trabalho de conclusão de curso, basicamente utilizou-se pesquisas publicadas que abordavam o período em estudo e tornaram-se clássicos da historiografia, assim como investigações mais recentes que resultaram em teses, dissertações e artigos publicados na internet e mostraram-se pertinentes a elucidação de algumas discussões. A pesquisa bibliográfica permite entrar em contato com os mais diversificados estudos realizados a respeito do tema.

Assim o primeiro passo dado foi entrar em contato com os livros que retratavam o *locus* de nossa pesquisa, a cidade de Francisco Santos. O livro de João Bosco da Silva, *Jenipapeiro: A Terras dos Espritados*, foi essencial para caracterizar a cidade de Francisco Santos, sua história, assim como sua tradição sertaneja, foi de grande relevância, também, para contar a história de Francisco Santos, de sua fundação e tradição, o autor Mariano da Silva Neto, com seu livro *O Município de Francisco Santos: estudo e memória*, que em consonância com o estudo de João Bosco da Silva permite conhecer características do povo franciscossantense e, acima de tudo, conhecer a tradição sertaneja do lugar.

Como nosso estudo trabalha com memória, onde as empregadas domésticas de Francisco Santos, buscam em sua memória a década de 1990 e as histórias que nela viveram, o livro *A memória coletiva* de Maurice Halbwachs e *História e Memória* de Jacques Le Goff, são imprescindíveis para compreender a importância da memória e a maneira de se trabalhar com a mesma, de modo que seus estudos contribuíssem para compreendermos que a memória, quando vivenciada em grupo, coletiva, é capaz de se reconstruir e simular de modo que percebemos que a memória é seletiva, como entende Maurice Halbwachs. Bem como Le Goff contribui para a compreensão da memória como propriedade de guardar informações e reinterpretar o passado.

Quanto da história de vida das mulheres de Francisco Santos sua trajetória que as levaram a tornarem-se domésticas Marina Maluf e Maria Lúcia Mott em *Recônditos do mundo feminino* no *História da vida privada no Brasil* ajudam a pensar a condição feminina no século XX. Quando parte das mulheres começa a sair do espaço privado da casa e ocupar os espaços públicos em busca de empregos e melhorias de vida. Desafiando os modelos estabelecidos até então, que colocavam o papel da mulher como esposa, mãe e dona de casa. Assim como, a tese de doutorado de Elisângela Barbosa Cardoso *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)* e o artigo *Feminismo e masculinidade no início do século XX* que essenciais para discussão do universo feminino no século XX, compreendendo a situação de mulheres no Piauí, permitindo uma aproximação com nosso universo de pesquisa.

É importante destacar obras indispensáveis para falar da história das mulheres e que se constituem de suma relevância neste estudo para ajudar a compreender as histórias vivenciadas pelas mulheres empregadas domésticas de Francisco Santos, sujeitos de nossa história, como o livro *Múltiplas e Singulares: História e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)* de Elizangela Barbosa Cardoso. Nesta obra, Cardoso busca entender como algumas mulheres piauienses escolhem romper com os padrões de mães, esposas e

donas-de-casa para se dedicarem a carreira profissional. Quando muitas dessas buscam em espaços mais citadinos uma qualificação e uma formação superior. Vale ressaltar, que nos depoimentos apresentados pela autora algumas mulheres relatam sobre a dificuldade de ter oportunidades profissionais nas cidades interioranas do Estado. Sendo extremamente limitado o campo de atuação feminina nesses espaços. De grande valia, também, a construção de nosso estudo foi também o livro de Michelle Perrot *Minha história das mulheres*, por ser uma visão impar acerca da história das mulheres e, especialmente, por tecer considerações sobre as mulheres no trabalho doméstico, abordando-o como essencial para as sociedades e para as mulheres, constituindo-se em um peso para sua identidade, bem como um mercado de trabalho para o sexo feminino contribui com o debate proposto em nosso estudo, que versa por analisar o trabalho doméstico vivenciado pelas mulheres de Francisco Santos na década de 1990.

O referencial teórico e bibliográfico que se encontra nesse estudo, constitui-se em fontes indispensáveis ao entendimento da realidade vivenciada pelas mulheres de Francisco Santos no Piauí no século XX, são fontes para compreender as condições da que lhe impuseram o trabalho de doméstica e para compreender o papel da mulher na sociedade da época, bem como a concepção que esta sociedade tinha das mesmas. Portanto, os estudos mencionados anteriormente, assim como de outros autores que não foram citados, mas que também são de grande importância para o tema que aqui se dispôs a tratar em consonância com o depoimento de mulheres que trabalharam como empregadas domésticas durante os anos de 1990 na cidade de Francisco Santos, compõem-se em nas fontes construtoras desse estudo.

Os depoimentos das empregadas domésticas de Francisco Santos foram conseguidos através de entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro com perguntas, mas as depoentes ficaram livres e a vontade para falarem o que viesse a sua mente, o que recordassem do período estudado e de sua história de vida. Le Goff foi indispensável na construção de nosso estudo por pensar a história oral e relaciona-la com a identidade de um povo, assim recorreremos aos depoimentos de quatro empregadas domésticas que exerceram a profissão na década de 1990 em Francisco Santos, são elas: Rosilma Maria da Silva Rodrigues tem 45 anos, mora em Francisco Santos-PI, Maria do Socorro da Silva, 45 anos, Rosa Neuma de Jesus Farias, também 45 anos e Rosa Margarida dos Santos Pereira, 46 anos.

A temática sobre o emprego doméstico no Brasil despertou-me interesse, e ao longo do meu percurso acadêmico ganhou maior consideração, por ser uma área de grande

importância, mas que, foi imensamente desvalorizada ao longo dos anos pela historiografia³. A pesquisa em questão revela universos que foram negligenciados pela produção acadêmica e que tem recebido atenção nos últimos anos com a ampliação de objetos, fontes e metodologias.

Assim, adentramos um universo em que o trabalho de é de imensa maioria feminina e abrange uma das maiores categorias trabalhistas. Essa área compreende trabalhos como: cozinheira, governanta, faxineira, vigia, motorista, jardineiro e vários outros trabalhos que são classificados como domésticos⁴. Que eram, em geral, realizados de maneira informal, com longas jornadas de trabalho e associado a pouca qualificação e remuneração baixa. Mas este cenário tem obtido significativas mudanças, com novas políticas públicas e maior valorização dessa classe o que de certo modo melhorou a vida de muitos trabalhadores mais em outro aspecto essas leis pouco funcionam na prática diária e até diminui a oferta de emprego.

Por isso, a presente pesquisa tem a importância de analisar a realidade dessa classe trabalhista na cidade de Francisco Santos-PI, pois abrange uma parte significativa da população feminina desta cidade que por ser uma cidade pequena e onde o trabalho rural é predominante, têm poucas opções de emprego, a área doméstica viabiliza empregos para muitas pessoas e como Bacelar nos informa:

Como empregados do setor privado, tínhamos os trabalhadores domésticos, ocupação de significativa parcela da população feminina [...] atividade dos mais pobres, em grande parte dos pretos. Além da reduzida remuneração obnubilada pelo alojamento e alimentação, permanecem resquícios da tradição escravista, sentidos em muitos casos pela maneira prepotente, violenta e arbitrária como os patrões tratavam os empregados (BACELAR, 2008 p. 74).

Logo, é de grande valia pesquisar sobre esse assunto, contribuindo para informar e buscar informações sobre este tema de relevância para a sociedade. Mostrando que este tipo de trabalho é realizado em sua maioria, por negros, pobres e que são mal remunerados, e atualmente torna-se uma profissão onde é reconhecida, gradativamente, a sua importância no atual mercado de trabalho.

³*Empregadas domésticas: uma revisão da literatura brasileira*, de Marínea Maria Fediuk. *De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição* de Bergman de Paula Pereira.

⁴De acordo com a LEI COMPLEMENTAR Nº 150, DE 1º DE JUNHO DE 2015, Art. 1º Ao empregado doméstico, assim considerado aquele que presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana. (BRASIL, 2015). A referida lei regula o trabalho doméstico, garantindo o empregado doméstico, que deve ter carteira assinada e todos os direitos que cabe ao trabalhador em caso de demissão.

Nesse sentido podemos apontar alguns estudos que se destacaram também a estudar o trabalho doméstico, contribuindo para o conhecimento dessa área e colaborando para que um olhar especial seja destinado às pessoas que atuam em lares que não são seus, mas cuidando do mesmo com dedicação e responsabilidades. Dentre estes estudos podemos citar o de Solange Sanches *Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente*, estudo realizado em 2009 traz um panorama da situação das trabalhadoras domésticas no Brasil e algumas questões sobre a dimensão do trabalho doméstico no mundo.

Devemos destacar também o estudo *O emprego doméstico no Brasil*⁵ realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos que apresenta dados relevantes os serviços domésticos no Brasil, apontando em números e através de estudos gráficos questões como perfil das empregadas domésticas no país, trazendo dados sobre condições de trabalho, jornada de trabalho, entre outras.

Podemos citar a nível de informação sobre o serviço doméstico o texto de Hildete Pereira de Melo *O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras* (1988) que procura mostrar a realidade do serviço doméstico no Brasil, concebendo o mesmo como um refúgio dos trabalhadores com baixa escolaridade, apresentando as mudanças que ocorreram no serviço doméstico ao longo dos anos e também apresentando dados relevantes sobre a categoria trabalhadores domésticos disponibilizando números, sobretudo nos anos de 1985 e 1995, discuti, ainda, a respeito da legislação existente acerca do trabalho doméstico.

A partir de análise de conceitos bibliográficos a respeito do tema, empregadas domésticas, bem como a prática desse trabalho e as perspectivas de algumas mulheres que trabalham como domésticas, sobre a rotina de trabalho e suas experiências foi que construí este estudo, que constitui-se em muito mais do que uma abordagem sobre as empregadas domésticas de Francisco Santos, sendo também uma história de mulheres. Tendo como questões primordiais: como o trabalho doméstico é visto na cidade de Francisco Santos? Quais as mudanças ocorridas no aspecto trabalhista? Entre outras questões que me nortearam ao longo de minha trajetória, uma vez que a história do trabalho doméstico no Brasil não é muito diferente do que acontece em outras partes do mundo, como nos Estados Unidos, Como nos afirma Melo (1998, P. 6):

⁵Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. *O emprego doméstico no Brasil*. Estudos e Pesquisas. 2013. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/estudosetorial/2013/estPesq68empregoDomestico.pdf>. Acesso em: 16 de dezembro de 2015.

A história do serviço doméstico no Brasil não difere muito da acontecida nos Estados Unidos. Aqui como lá, antes da abolição da escravatura, escravos domésticos eram encarregados das tarefas do lar. Ao longo do século XIX, as famílias tinham além das escravas domésticas a possibilidade de contar com mocinhas para uma espécie de “ajuda contratada”. Essa era uma fonte tradicional de trabalho doméstico que no Brasil e nos Estados Unidos, depois da Abolição, tornou-se a maior fonte de trabalho feminino.

O trabalho doméstico tornou-se uma opção para muitas pessoas que não tinham condições financeiras, sendo uma forma de complementar a renda familiar. Uma vez que antes as mulheres não trabalhavam, eram apenas figuras maternas que deveriam cuidar do lar. Mas esta premissa mudou bastante atualmente.

Assim, este trabalho está estruturado em três capítulos que se intercalam para contar a história das empregadas domésticas de Francisco Santos. Assim, o primeiro capítulo intitula-se *Francisco Santos-PI: Um olhar sobre as mulheres e suas vivências no contexto da cidade*, este capítulo apresenta a história da cidade de Francisco Santos, de sua fundação e desenvolvimento, ao passo que destaca sua tradição sertaneja. Aspectos importantes sobre a educação em Francisco Santos também são apresentados neste capítulo.

O segundo capítulo recebeu o título de *Domésticas de Francisco Santos-PI: trajetórias e experiências de mulheres no serviço doméstico nos anos de 1990* e aborda a trajetória de vida das mulheres que exerceram a profissão de doméstica na cidade de Francisco Santos na década de 1990 através de depoimentos de mulheres batalhadoras que exerceram essa profissão, onde resgatamos por meio da história oral aspectos da infância e juventude das domésticas franciscossantense.

O terceiro e último capítulo intitula-se *Uma gente decisiva, comandantes de outros lares: As relações de trabalho das empregadas domésticas de Francisco Santos* e busca por tratar da maneira como se configurava os papéis de patrões e empregadas, assim como serviço e remuneração entre os mesmos, procurando conhecer a relação entre empregadas domésticas e seus patrões, observando os significados que o trabalho doméstico trouxe para vida social das mulheres que o vivenciaram e Francisco Santos-PI na década de 1990.

Desta forma pretendemos alcançar os objetivos traçados e verificar hipóteses tais como: a relação entre patrão e empregado é quase sempre benéfica; as empregadas domésticas almejam melhores condições de trabalho e remuneração adequada à sua jornada de trabalho; melhores condições de trabalho e maior reconhecimento.

1 FRANCISCO SANTOS-PI: UM OLHAR SOBRE AS MULHERES E SUAS VIVÊNCIAS NO CONTEXTO DA CIDADE

O trabalho doméstico no Brasil apresenta raízes históricas advindas da lógica escravista, onde as negras escravas cuidavam dos afazeres domésticos da casa de seus senhores e que após a abolição passaram de escravas domésticas a empregadas domésticas. (PEREIRA, 2011).

Assim, ao pensar o serviço doméstico é preciso pensar suas origens, não obstante sabemos da colonização de nosso país pelos portugueses no século XV, onde após estabelecerem seu domínio e escravizarem os indígenas para a realização de tarefas que conferiam lucros aos portugueses, não podendo contar com trabalho em grande escala por parte dos indígenas que não estavam habituados ao mesmo, surge à mão de obra negra africana, para o trabalho nas lavouras, ora de cana, ora de café e as mulheres negras podiam e trabalhavam nessas lavouras, mas outras eram designadas a servirem seus senhores no interior de seu lar, as mucamas, realizavam o trabalho doméstico, esta espécie de trabalho estender-se-ia além das escravas e chegaria a jovens de classe menos abastadas. (PEREIRA, 2011).

Dentro desse contexto Pereira (2011) corrobora que não eram só as escravas que no Brasil durante o século XIX trabalhavam nos serviços do lar, as famílias que possuíam boas condições financeiras contavam, além do serviço doméstico escravo, com ajuda de jovens das classes menos abastadas, era uma espécie de ajuda contratada, a família da jovem a enviava para a casa de outra família, o trabalho da mesma fazia parte de um processo intermediário entre sua vida de solteira e o casamento. Com o passar do tempo à ajuda exercida pelas mulheres tornar-se-ia em serviço, um serviço quase que exclusivamente feminino e que passou a ocupar boa parte desta população no Brasil e que na atualidade consiste em uma fonte de renda para mulheres no Brasil e no mundo.

O trabalho doméstico se estabeleceu, sobretudo, nas pequenas cidades, haja vista a falta de fábricas e comércio em conjunto com a necessidade de encontrar um meio de sobrevivência levou muitas jovens a oferecerem sua ajuda nas atividades do lar em troca de pagamento. O serviço doméstico consolidou-se em todas as regiões do Brasil, inclusive na região Nordeste, onde encontra-se nosso espaço a ser estudado. Para Albuquerque Junior (2006) o Nordeste é resultado da ruína da antiga geografia do Brasil, onde em pleno século XIX a região já havia sido modificada com construções ao estilo europeu, sua paisagem se alterara, assim assiste-se em fins do século XIX e início do século XX ao surgimento de novo

regionalismo que reflete as maneiras diferenciadas de representar o espaço nas diferentes áreas do país.

Consequentemente ao fim da escravidão passa a existir também uma regionalização do mercado de trabalho, cidades como São Paulo que havia sido ocupada maciçamente por imigrantes para trabalhar em suas fábricas acredita portar uma superioridade regional, até mesmo pela grande maioria de sua população ser branca, enquanto o nordeste, que embora tenha sofrido alterações em seus espaços, se mostra como uma região rural, destruída pela seca e suas calamidades. Para Albuquerque Junior (2006) sem grandes expectativas de desenvolvimento sem grandes possibilidades de trabalho para seu povo, o Nordeste vem a apresentar uma ligação com a terra e apresenta mercado de trabalho reduzido, onde, sobretudo em cidades pequenas, para muitas jovens de classe baixa e média o serviço doméstico constituíra-se como a única possibilidade além do trabalho na roça.

Desse modo, compreendendo o serviço doméstico em relação à história, percebendo que nesta o mesmo encontra raízes, e que a região Nordeste não acompanhou o mesmo desenvolvimento do Sul em relação ao mercado de trabalho, é que direcionamos nosso olhar para a cidade de Francisco Santos-PI, onde não só no século XX, como ainda na atualidade, o serviço doméstico constituiu-se como uma atividade de suma importância para as mulheres da região, promovendo-lhes o sustento e maneiras de sobreviver, assim como lhes proporcionando vivências que marcaram sua trajetória e que são parte essencial de suas personalidades, nosso estudo procurar olhar da maneira mais singular possível essas mulheres e o que trazem de experiência consigo devido as relações que se constituíram no emprego doméstico.

Primeiramente faz-se necessário observar o espaço, onde essas relações se desenvolveram, antes de adentrarmos em suas vivências nos lares das famílias em que trabalharam, procuramos conhecer a cidade de Francisco Santos-PI, pois é essencial conhecer suas características para uma compreensão das possibilidades encontradas pelas jovens que vivenciaram a década de 1990 nesta cidade, bem como as possibilidades que encontraram.

Assim, este capítulo objetiva apresentar a história da cidade de Francisco Santos, apontando como se deu sua fundação e desenvolvimento, bem como destacar a tradição sertaneja dessa cidade, elemento essencial da personalidade de seu povo. É, ainda, intuito desse capítulo mostrar aspectos importantes sobre a educação em Francisco Santos, observando que possibilidades apresentavam-se as mulheres dessa época em relação ao estudo. Portanto, este capítulo divide-se em três itens o primeiro *“Nasce a terra dos ‘espiritados’”: Fundação e desenvolvimento da cidade de Francisco Santos-PI*, o segundo

“A cidade de Francisco Santos e sua tradição sertaneja” e o terceiro tópico “A educação em Francisco Santos: Possibilidades e perspectivas para as mulheres na década de 90 em relação ao estudo”.

1.1 Nasce a terra dos “espiritados”: Fundação e desenvolvimento da cidade de Francisco Santos-PI

Francisco Santos que, conforme Silva (2010) era o antigo Jenipapeiro, uma antiga fazenda, e que originou-se provavelmente em 1818, devido a chegada dos casais de baianos a suas terras, Antonio Rodrigues e Isabel Maria Rodrigues, Policarpo Chaves e Rosa Maria Rodrigues, que traziam consigo outros parentes.

Pouco se sabe a respeito do nascimento da cidade de Francisco Santos, mas o que se sabe já ajuda a contar um pouco de sua história e não deixar totalmente na obscuridade um passado que se faz de suma importância para a compreensão da maneira como se apresenta atualmente a cidade. Sabemos que os fundadores da cidade, seus primeiros habitantes, constituíram entrelaçamentos internos ou externos e formaram as famílias locais em consonância com as famílias de outras regiões.

Ainda de acordo com Silva Neto (1985) foi no ano de 1918 que Jenipapeiro começou a crescer, mesmo que de maneira tímida, este crescimento se deu em vias do despertar do comércio e da agricultura. Em 1935 foi elevado a condição de povoado e pertencia a cidade de Picos, que fica a 52 quilômetros da atual Francisco Santos. Assim, Francisco Santos “desmembrado de Picos, foi criado pela Lei Estadual nº 1.963, de 09.09.60. A sua instalação aconteceu em 24.12.1960”. (SILVA NETO, 1985, p.11). Dessa maneira, a cidade de Francisco Santos foi elevada a categoria de município e distrito pela Lei nº 1963 de 09.09.1960, sendo desmembrado de Picos.

Desse modo, o município de Francisco Santos adquiriu autonomia política nos anos de 1960 e em 24 de dezembro do mesmo ano foi instalado oficialmente e teve seu território desmembrado dos municípios de Jaicós e Picos. Jenipapeiro então recebeu o nome de Francisco Santos em homenagem ao Coronel Francisco Santos, que foi um dos primeiros políticos dessa região, buscando o progresso da mesma.

Relevante nos que diz respeito a Francisco Santos é a sua tradição sertaneja, a terra e as atividades ligadas a ela sempre foram marcantes para esse povo, sendo que, conforme já mencionado anteriormente, assim que as primeiras famílias se estabeleceram no antigo Jenipapeiro empreenderam a criação de gado, não demorando muito para que a agricultura se

consolidasse. Nessa perspectiva Albuquerque Junior (2006) destaca que o Nordeste, antigo Norte, vivia no século XX uma situação de dependência econômica em relação às outras áreas do país, bem como de submissão política, os padrões mais tradicionais tanto de sensibilidade quanto de sociabilidade sobreviviam nessa região.

Assim em Francisco Santos, cidade pequena do Nordeste, resistia os padrões mais tradicionais do povo nordestino, a agropecuária era a atividade de maior prevalência entre sua população, permanência de sua formação, na concepção de Albuquerque Junior (2006) o Nordeste se diferenciava das demais regiões do país tanto na vida material quanto na vida social, havia uma distância enorme entre esses espaços, o que fazia surgir diversas representações deste espaço, verdadeiras ou não, eram frutos de suas marcas mais profundas e mais observáveis.

Segundo Albuquerque Junior (2006) as terras do Nordeste são notórias quanto à regionalização por elementos como o messianismo, o cangaço e o coronelismo, estes são os temas que mais definem o Nordeste, elas davam materialidade ao seu espaço, assim o Nordeste foi produzido a partir de uma sensibilidade muito específica construída historicamente, estes elementos preencheram a imagem dessa região. Dentro desse contexto abordamos aspectos relevantes da cultura sertaneja, típicos da região Nordeste, o homem arraigado a sua terra, dela provendo seu sustento, era assim em Francisco Santos, ainda nos dias de hoje é possível observar que a cidade mantém traços tradicionais e que sua cultura é notavelmente sertaneja.

Love (2000) ao tentar diferenciar regionalismo de federalismo aponta a região Nordeste como uma região pobre, até mesmo miserável, economicamente diferenciado das demais regiões do Brasil, onde configurava-se elementos de cultura tradicional de um povo marcadamente ligado a terra, em que povo e família não se distinguiam. Quando de nosso recorte temporal, os anos de 1990, sabemos que a população de Francisco Santos encontrava-se voltada para atividades de agropecuária, sobretudo, para a criação de gado, e aqueles que pretendiam trabalho além da roça, iam para outras cidades ou no caso das jovens mulheres tornavam-se domésticas.

1.2 A cidade de Francisco Santos e sua tradição sertaneja⁶

⁶Viver no campo, viver da terra, em uma sociedade rural, cuidando da terra, plantando e colhendo e criando animais. (SILVA NETO, 1985).

A zona rural de Francisco Santos sempre contou com o empenho de pessoas que buscaram na mesma sua sobrevivência, assim, as condições impostas pela natureza foram vencidas de maneira que viver no sertão franciscossantense não foi só uma possibilidade, mas também uma realidade.

De acordo com Silva Neto (1985) as estações do ano que carregavam as principais atividades de trabalho na região, tanto na década de 90 nosso recorte temporal, como nas décadas anteriores conduziam a vida cotidiana da comunidade.

Como informa Silva Neto (1985) na sociedade rural de Francisco Santos, as chuvas que aconteciam de dezembro a março determinavam a época de plantar e colher e traziam a mesa do habitante de Francisco Santos abundância em feijão, arroz, melancia, dentre outros. Quando as chuvas diminuía iniciava-se o plantio do alho e da cebola no leito do rio para a realização dessa atividade os sertanejos trabalhavam realizando primeiramente a raspagem do paul, folhas secas, que após ser misturado à areia e ao estrume de gado era utilizado como adubo.

Nas épocas chuvosas os rios transbordavam e no fim do inverno, os agricultores tinham que realizar o serviço de arrasamento do leito do rio para o plantio, então construía-se os canteiros com paredes de areia e preenchidos com adubo, logo em seguida era realizado o plantio. Quando desse período muitas pessoas que moravam na sede do município se deslocavam para fazendas de amigos e parentes com a finalidade de passarem a semana santa, quando as rezas e o jejum prevaleciam.

Conta Silva (2010) que a safra do feijão no mês de abril envolvia bastante o sertanejo que realizava então o trabalho da apanha, as mulheres participavam ativamente desta atividade, que envolvia todos os membros da família para que pudessem usufruir dos melhores preços do feijão. As mulheres eram catadeiras de feijão durante o dia e a noite eximias debulhadeiras, ate mesmo as crianças com maior destreza participavam da desbulha. Logo findavam-se os trabalhos com o feijão, o sertanejo iniciava o trabalho com o alho, em meados de maio iniciava-se o seu plantio, as atividades que envolviam o trabalho com o alho se estendiam por quase todo o ano, o período de plantação não levava mais do que duas semanas e logo se iniciava a fase da águação seguida pela a arrancação das cabeças para em seguidas serem trançadas e comercializadas.

Silva (2010) afirma que junho era o tempo das farinhadas, as desmanchas da mandioca requeriam muita mão de obra e esta era grande a principio, mas com o passar dos anos foi tornando-se escassas, as mulheres aqui envolviam-se na raspagem da mandioca e na lavagem da goma, bem como eram as mesmas que faziam o beiju.

De suma importância dentro da cultura sertaneja desenvolvida em Francisco Santos foi à pecuária, de acordo com Silva (2010, p. 69):

Essa era também uma atividade subsidiária de muito peso, não só econômico como alimentar. De modo geral (a não ser quatro ou cinco famílias tidas como as mais pobres), todos possuíam em menor ou maior número suas vaquinhas no curral, para desfrute do leite, da coalhada, do queijo e da manteiga.

Essa pecuária era praticada de forma extensiva, isto é, o gado solto na mata. Cada animal, pouco tempo após o nascimento, era assinado e ferrado um ano depois, ao tornar-se garrote. Não havia perigo de roubo, mesmo porque, nesse tempo, ainda se respeitava a propriedade privada [...] Nesse criatório, poucos se destacavam, sendo considerados ricos quem possuía acima de vinte cabeças. Claro está que pessoas como Izac Pereira, Elizeu, seu Licínio, Odilon Sacerdote e outros mais, possuíam alentados rebanhos.

Assim, a pecuária era de suma importância para a economia e para alimentação do sertanejo, quase todas as famílias que residiam no sertão franciscossantense tinham cabeças de gado, não as possuindo somente aquelas famílias consideradas as mais pobres. Os animais eram criados soltos nas matas, marcados a ferro, pastavam livremente sem perigo de roubo já que muito se respeitava aquilo que pertencia ao outro. A criação de gado dava status de riqueza apenas para quem possuía mais de vinte cabeças, sendo que algumas pessoas possuíam rebanhos de fato grandiosos.

No que se refere ao consumo da carne de gado Silva (2010, p. 69) comenta:

Quanto ao consumo, não se pode dizer que a carne de gado fosse usada à farta, pois o abate, ao tempo que nos reportamos, era de apenas uma rês a cada semana, o que era pouco para a população de então. Não obstante, todo pai de família comprava o seu quilinho ou dois de carne para regalo na principal refeição do dia.

Desse modo, não se pode dizer que a carne de gado sempre estava presente na mesa do sertanejo, mas todo pai de família colocava entre suas compras a carne de gado, a mesma fazia parte da principal refeição do dia. Para complementar sua economia o sertanejo de Francisco Santos criava porcos, caprinos, ovinos e galináceos, isso ajuda de maneira econômica e ainda na alimentação da família.

Dentro dessa conjuntura cabe ressaltar que, de acordo com Mott (1985), a história do Piauí caracteriza-se por originar-se basicamente da pecuária, sendo essa peculiaridade pertinente à sua fundação enquanto província, e primeiros anos de Estado. Sua origem é, portanto meramente agrária, assim os povoados que foram sendo fundados em solo piauiense seguiram a mesma dinâmica agrária.

Dessa forma, podemos compreender como se dava a vida do sertanejo franciscossantense. O sertanejo trabalhava a terra dela tira sua renda e o alimento da família. Na década de 90 o caju, o alho, milho, cebola e batata-doce eram os produtos mais significantes das terras sertanejas de Francisco Santos.

Compreender a realidade da zona rural de Francisco Santos em nosso recorte temporal é não só relevante para conhecer aspectos da cultura desse povo, de seus modos de vida, como também ajuda a pensar a questão primordial de nosso estudo, a mulher que trabalhava como doméstica, observado os estudos de Silva Neto (1985) e Silva (2010) que constituem-se nas fontes mais plausíveis para empreender um conhecimento acerca de Francisco Santos, que as mulheres estavam sempre envolvidas nos trabalhos com a agricultura, plantavam, colhiam, trançavam o alho, desbulhavam feijão, faziam a raspagem da mandioca.

Percebe-se, assim, que a mulher estava envolvida em atividades que ajudavam no sustento da família, embora o status de provedor sempre ficasse com o marido. Dessa maneira, o trabalho na roça era a realidade da mulher na zona rural, da mesma maneira que o trabalho doméstico era realidade para a mulher na cidade.

Maria do Socorro da Silva⁷ foi empregada durante muito tempo, à mesma declarou não haver escolha quanto a sua profissão e, por isso, teve que se tornar doméstica, mas por outro lado aponta a possibilidade do trabalho na roça:

Não, ou era empregada doméstica ou trabalhava na roça, aí eu tive que trabalhar de empregada, eu trabalhei de roça depois foi que eu passei a ser empregada doméstica.

Não foi porque eu escolhi ser doméstica é porque a única alternativa foi essa, ou trabalhava na roça ou de empregada, aí eu saí da roça e comecei a trabalhar como doméstica, essa é uma profissão muito discriminada, as pessoas não valorizam nosso serviço é uma profissão muito difícil e não foi questão de opção. (SILVA, 2015).

Afirmando que não teve outra opção a seguir na vida que não o trabalho doméstico, Maria do Socorro da Silva mostra que encontrou lugar na roça e nas atividades do campo, mas não queria este tipo de trabalho, assim roça e serviço doméstico constituíam-se em suas opções de trabalho, e a mesma escolheu ser doméstica e não trabalhar no campo, embora apresentassem-se poucas opções a roça e o meio sertanejo foi uma realidade ao menos para Maria do Socorro que trabalhou no campo, mas aderiu a profissão de doméstica, a qual ela afirma ser uma profissão discriminada e desvalorizada, e contando com a possibilidade da

⁷Maria do Socorro da Silva tem 45 anos, mora na cidade de Francisco Santos-PI, onde nasceu e exerceu a profissão de empregada doméstica nos anos de 1990.

roça ela fez do serviço doméstico a sua única alternativa. A vida na roça é lembrada pela mesma como pesada e difícil, era preciso trabalhar desde muito cedo, geralmente se começava criança e o trabalho se estendia pela vida adulta. Um trabalho diário, que basicamente só garantia sua sobrevivência.

A fala de Maria do Socorro, remete-nos a vida sertaneja em consonância com o trabalho na lavoura ou na criação de animal que por vezes foi a única alternativa de trabalho das mulheres no campo que não tinham perspectiva de saírem do sertão, levando-nos em direção ao trabalho doméstico que consistiu na única alternativa de trabalho para as jovens da cidade de Francisco Santos, pois se muitas vezes era difícil pensar em sair do campo e deixar o trabalho na roça, era mais difícil, ainda, pensar em sair da cidade e ir trabalhar na roça, assim o serviço doméstico constituiu-se na atividade mais destacada entre as mulheres franciscossantense.

Rosa Margarida dos Santos Pereira⁸ foi empregada doméstica na cidade de Francisco Santos, durante a década de 1990 e também participou da construção deste estudo, relembrou em seu depoimento a tradição sertaneja de Francisco Santos e o espaço da roça como possibilidade de trabalho para as mulheres, o laborar de sol a sol com as atividades de agricultura e pecuária, quando questionada sobre outra opção de trabalho a não ser o serviço doméstico em Francisco Santos, ela foi enfática em dizer “só se for na roça”. (PEREIRA, 2015).

Com forte tradição sertaneja, em sua fundação e consolidação, Francisco Santos, como sabemos originou-se de uma fazenda, seu desenvolvimento se deu, sobretudo, a partir da agricultura, a terra sempre foi cultivada pelo povo da região, a criação de animais também foi uma constante nestas terras, a roça era espaço de trabalho para homens e mulheres, adultos e crianças, famílias inteiras se dedicavam e, ainda, se dedicam a labuta na roça nessa cidade.

Outra entrevistada, a empregada doméstica Rosa Neuma de Jesus Farias⁹, também ressalta a possibilidade do trabalho na roça para a mulher durante a década de 1990, período no qual ela exerceu a profissão de doméstica, quando questionamos a mesma se não havia outra possibilidade de emprego além de se tornar empregada doméstica, onde ela prontamente respondeu que “a roça, não tinha outra alternativa”. (FARIAS, 2015).

Como podemos observar na discussão empreendida sobre a cultura sertaneja do povo de Francisco Santos, essa tradição estava presente também em seus ofícios de trabalho, o que

⁸Rosa Margarida dos Santos Pereira, tem 46 anos e foi empregada doméstica em Francisco Santos nos anos de 1990.

⁹Rosa Neuma de Jesus Farias, tem 45 anos e exerceu a profissão de doméstica na década de 90.

podemos constatar nas falas de nossas entrevistadas, onde destacaram que não tinham opções além do trabalho doméstico, o trabalho na roça envolve muitas vezes famílias inteiras, trabalho que precisa de disposição física, trabalho pesado e difícil, mas uma tradição nas regiões nordestinas, vivenciada pelas mulheres de Francisco Santos que como nos casos de Maria do Socorro, Rosa Margarida e Rosa Neuma, foi deixado para traz trocado pelo laborar em casas de famílias, preferindo este, as atividades agrícolas, ou outras ligadas ao meio rural.

Pela fala das empregadas domésticas de Francisco Santos-PI durante a década de 1990, Maria do Socorro da Silva, Rosa Margarida dos Santos Pereira e Rosa Neuma de Jesus Farias, percebemos que o trabalho na roça e o trabalho doméstico se apresentavam como opções para as jovens de baixa renda da cidade de Francisco Santos, a cidade sertaneja, associava-se nos anos 90 com a situação vivenciada pela região Nordeste que se diferenciava economicamente de outras regiões do país, pois seu povo era bastante ligado a terra e as atividades da mesma, o plantio e a colheita marcaram sua tradição sertaneja e apareciam como alternativa para seus habitantes, onde muitas jovens fugiam a esse destino, encontrando no trabalho doméstico outra fonte de sobrevivência.

Certamente os moldes nos quais se encaixava a economia brasileira nos anos de 1990 serviu para preservar a tradição sertaneja da cidade de Francisco Santos na década de 1990 e para que as mulheres da cidade optassem ou pela roça ou pelo trabalho doméstico. Segundo Yano e Monteiro (2008) a economia brasileira nos anos de 1990 passava por um período de mudanças, desde o início da década procurava-se estabilizar a economia com estratégias voltadas para o mercado, visando o desenvolvimento econômico do país, nesse sentido a participação do Estado na Economia foi reduzida, as privatizações tornaram-se uma constante mediante a demonstração de ineficiência do Estado diante da economia. Houve na década de 1990 uma abertura comercial a fim de eliminar as barreiras não tarifárias, assim como diminuir o nível de proteção a indústria local.

Para Neri (2000) as transformações ocorridas na economia brasileira durante a década de 1990 levou ao aumento do emprego nos serviços e no comércio, mas já nos anos de 1997 a taxa de desemprego no país começou a aumentar gradativamente, de modo que já no ano de 1998 vivenciamos uma interrupção no crescimento econômico do país. Assim, o emprego nas indústrias foi reduzido drasticamente, ao passo que aumentou de maneira considerável os trabalhos informais, bem como no comércio e na prestação de serviços.

Em síntese, podemos compreender a economia brasileira em 1990 como um período de crise, em que se buscava a estabilização econômica, vivenciando uma forte recessão e

aumento da taxa de desemprego industrial, sendo compensada pelo surgimento do trabalho informal, do comércio e serviços.

O povo de Francisco Santos vivenciava a economia brasileira e sentia seus percalços, a cidade contava com poucas opções de emprego e não se desenvolvia economicamente, continuava arraigada as atividades ligadas a agropecuária e para as mulheres roça e trabalho doméstico apontavam a direção a seguir. Segundo Melo (1998) na década de 1990 as mulheres apesar de conseguirem serem presentes em vários campos de trabalho, ainda, tinham como principal ocupação o serviço doméstico, muitas mulheres pelo país encontravam, assim, como em Francisco Santos possibilidade de atender suas necessidades básicas por meio do serviço doméstico, embora para algumas a roça não se mostrasse como outra opção.

Tendo observado a tradição sertaneja em Francisco Santos e começado a direcionar nosso olhar para a mulher, embora não propriamente em nosso espaço de estudo, cidade, podemos perceber como as mesmas encontravam-se fadadas a determinados tipos de serviço, ao passo que também foi possível considerar a realidade econômica da época estudada que é parte significativa para a compreensão da realidade vivenciada pelos franciscossantenses, onde o trabalho junto a terra, ainda, era a principal alternativa para sua existência.

Nosso olhar volta-se agora para a educação em Francisco Santos e a relação das mulheres com a mesma, como elas vivenciaram a educação nas décadas anteriores a 1990, bem como na referida época.

1.3 A educação em Francisco Santos: Possibilidades e perspectivas para as mulheres na década de 90 em relação ao estudo

De acordo com Silva (2010) o processo educacional em Jenipapeiro, atual Francisco Santos, ocorreu como no restante do país de maneira assistemática e também precária. Em Francisco Santos quem encontrava espaço para os estudos eram, sobretudo, os meninos, estes eram submetidos a um rápido processo de aprendizagem, que envolvia a aprendizagem de leitura de maneira rudimentar, a aprendizagem possibilitava somente que a criança aprendesse a escrever seu nome e no máximo um simples bilhete. Ensinava-se, ainda, as operações básicas, somar, dividir, diminuir e multiplicar, os mais bem dotados aprendiam a fazer tarefas.

A educação não era para todos, nem mesmo todas as famílias ricas, ela não atingia a todos, geralmente os pais escolhiam entre seus filhos aqueles que eram mais espertos, o que não eram escolhidos para o estudo eram encaminhados para os trabalhos do campo. No que

diz respeito às mulheres estas eram encaminhadas para o trabalho doméstico, raramente alguma mulher aprendia a ler e escrever. As famílias mais humildes não tinham como pagar um mestre-escola para seu filho, como não tinham dinheiro seus filhos jamais chegavam a aprender algo.

É válido ressaltar que Piauí apresentava grande destaque para a pecuária, conforme já mencionado, assim a população não tinha interesse de ir à escola, pois se envolvia no trabalho com o gado. Isso ocorria em Francisco Santos e em sua microrregião com bastante especificidade. Dessa maneira, não era fácil fazer com que a população franciscossantense criasse o hábito de ir à escola.

Corroborando Silva (2010) que o ensino oficial e sistematizado só chegou a Francisco Santos nos meados do século passado, esse processo se deflagrou, embora com não muita rapidez, como acontecera em outras partes do mundo, principalmente devido a processo iniciado pela Revolução Industrial. O estudo em Francisco Santos chegou de forma lenta e tímida. No Piauí, somente no ano de 1910 é que a Escola Normal chega ao Piauí, voltada, principalmente para as mulheres, na intenção de formar professoras, pois as mulheres tinham mais aptidão para a profissão.

Sobre a educação na década de 1990 Noma (2003) afirma que é marcada por um processo de reformas operacionalizadas que o governo brasileiro impôs aos diversos níveis de ensino, a intenção das mudanças educacionais realizadas nesta época era de proporcionar a educação básica para todos, o que era primordial para que a população brasileira adquirisse um conhecimento que fosse ao menos suficiente para integrar a sociedade. Essas modificações na educação brasileira mostram que o governo federal estava buscando elaborar políticas sociais, ao passo que distribuía os encargos de sua execução aos estados e municípios.

Nesse contexto Costa (2014) chama a atenção para o fato de que no Piauí à distância a qual se estabelecia entre a escola e as diversas micro e macro regiões piauienses acabava por desenvolver formas de alternativas de ensino como as casa-escolas, casas de pessoas que davam aula sem possuir diploma de ensino superior, tendo cursado apenas o Ensino Fundamental completo e muitas vezes incompleto, eram as chamadas escolas leigas, sendo que essas escolas funcionaram em regiões piauienses até fins dos anos de 1990.

Na década de 1990 a cidade de Francisco Santos não contava com muitas escolas, sabemos que a educação é de suma importância para o desenvolvimento de um lugar, e desenvolve-se à medida que seus governantes interessam-se e trabalham para isso, visando o melhor desenvolvimento da cidade e mão-de-obra qualificada para seu mercado de trabalho.

Mas as escolas de Francisco Santos em 1990 eram pequenas e tradicionais, com conteúdos restritos e pouco aprofundados. Nesse contexto é preciso ressaltar que nas cidades piauienses as escolas leigas eram uma constante até a década de 1990, devido à falta de uma organização educacional no Estado e do desinteresse da população brasileira que, segundo Reis (2010) só mudou após um longo e difícil processo de estruturação, que aconteceu de forma lenta e oscilou entre momentos de avanços e retrocessos.

Conforme os relatos de nossas entrevistadas, podemos constatar que os pais não costumavam incentivar suas filhas a estudarem, o que devia-se ao desinteresse da população em relação aos estudos, conta-nos Rosilma Maria da Silva Rodrigues¹⁰ que:

Os meus pais não me incentivavam a estudar porque não tinham tempo de vim deixar a gente na escola, não tinha transporte pra gente vim do interior pra cidade, eles nem ligavam, a gente estudava mesmo se a gente quisesse, não obrigavam a gente a estudar não. Naquele tempo não existia escola na zona rural, só na cidade e a prefeitura não dava os transportes pra gente ir pra cidade estudar. Eu me arrependo muito de não ter estudado. (RODRIGUES, 2015)

Podemos perceber, assim, que os pais não se preocupavam que suas filhas estudassem, basicamente na década de 90 esta foi uma decisão que coube as jovens, estudavam se quisessem os pais não as incentivavam, muito menos as obrigavam a estudar. A zona rural não oferecia escolas e ficava difícil se locomover para a cidade, dessa maneira as dificuldades iam fazendo com que as jovens se distanciassem da educação.

Nesse sentido Cardoso (2012) ao procurar conhecer o pensamento de alguns intelectuais, assim como bacharéis sobre o feminismo nos séculos XIX e XX começa por analisar a visão distinta que se tinha se meninos e meninas, onde o pensamento dominante é de que o sexo masculino é que deveria estudar, pois os livros lhe caíam bem, e as meninas deveriam aprender somente as funções básicas de ser dona de casa.

Assim, quando tornavam-se jovens as mulheres sem estudos e detentoras do conhecimento que envolvia os afazeres do lar as mulheres acabavam não encontrando outra saída para terem uma fonte de renda na cidade de Francisco Santos que não fosse o trabalho doméstico atividade para a qual a mesma parecia ter sido talhada.

“Meus pais não mim incentivaram a estudar, eu não lembro dos meus pais falar assim: tem que ir pra escola! Eles não tinham essa preocupação de mandar eu ir pra escola, eles me mandavam ir pra roça”. (Silva, 2015). Assim, as mulheres eram encorajadas a trabalharem

¹⁰Rosilma Maria da Silva Rodrigues tem 45 anos, mora em Francisco Santos-PI, local onde nasceu, exerceu a profissão de doméstica na década de 1990.

seja na roça, ou seja, nos lares de outrem, a família costumava se preocupar com o sustento de suas filhas, já que às vezes era difícil a vida, percebemos aqui que voltamos outra vez para a questão do trabalho na roça, que muitas jovens viviam no campo e saíam de lá em busca de trabalho nas cidades e não de estudo.

Segundo Cardoso (2003) no século XX ainda configurava-se a experiência singular de talhar a mulher para a tarefa de ser mãe, donas-de-casa, no máximo professoras primárias, estas eram as práticas educativas femininas que predominavam, era essa vivência com a qual as mulheres deste tempo se deparavam.

Ainda, sobre a questão da educação em Francisco Santos nos anos de 1990 e as mulheres empregadas domésticas na cidade, as entrevistadas Rosa Margarida dos Santos Pereira e Rosa Neuma de Jesus Farias esboçam em suas falas incentivo aos estudos por parte ao menos de suas mães, já que os pais detinham-se em suas atividades provedoras e o cuidado dos filhos ficava a cargo das mulheres.

Rosa Margarida dos Santos Pereira conta que a sua família sempre viveu na roça e que lá não dava para estudar, seus pais tinham muitos filhos, o que dificultava o acesso a educação, então ela foi morar com uma senhora na cidade, saiu de casa muito cedo para estudar porque no interior não tinha escola, mas terminou por tornar-se doméstica e estudou pouco.

Rosa Neuma de Jesus Farias comenta a respeito de educação e do incentivo que recebeu para estudar:

A educação era muito ruim, muito ruim a vista hoje, hoje tá uma benção, uma glória. Minha mãe incentiva a estudar, dizia: minha filha vá para o colégio, nós ia, mais aí quando nós comêssemos a ir para o colégio era com mais de 5 anos que mãe botou nós, nós merendava, tinha merenda boa, mas sempre mãe dizia para nós estudar, aprender o nome, saber lê e escrever, mãe incentivou muito, nós não estudamos de irresponsável. Eu até os 14 anos quis estudar, depois que as mocinhas vão enxergando os rapaz, nós mentia para mãe, dizia que ia para escola e ficava lá fora, perdia os carros, quando chegava em casa levava uma pisa, porque foi que você não fez o dever? Era paquerando com os rapaz? Pai não, pai toda vida foi fechado, mais sempre mãe incentivou. (FARIAS, 2015).

Assim, a empregada doméstica Rosa Neuma de Jesus Farias afirma que apesar do ensino da época ser ruim em comparação com o que dispomos na atualidade, ela teve oportunidade de estudar, pois sua mãe a incentivou bastante e depois que fez cinco anos de idade teve a oportunidade de frequentar a escola. O incentivo partiu todo de sua mãe, seu pai não incentivou, limitou-se a ficar calado, Rosa Neuma acredita ser irresponsabilidade de sua

parte não ter estudado, pois incentivo teve, mas dedicou-se a paquera e o namoro com os rapazes e isso lhe tirou o foco dos estudos.

Olhando para Teresina do século XX Cardoso (2003) nos ajuda a pensar a condição dessas mulheres empregadas domésticas em Francisco Santos, dos anos de 1990, não só as que nos concederam entrevistas, mas todas as mulheres que exerceram essa profissão na cidade, assim como aquelas que acabaram por optar pela roça que se constituía em opção, além do trabalho doméstico. Segundo Cardoso (2003) no Piauí do século XX as mulheres tinham poucos anos de estudo, isso quando tinham acesso a educação, casavam-se bastante jovens e assumiam o papel tradicional feminino, tornavam-se esposas, donas de casa e mães.

Ainda segundo Cardoso (2003) as mães ensinavam suas filhas a cozinhare, lavarem e passarem, assim como a bordarem, cuidar de futuros filhos e maridos, a expectativa que pairava em torno da mulher era a de que se casasse e tivesse filhos, geralmente apenas as moças de família mais ricas tinham acesso à educação.

Quanto ao motivo de trabalharem como domésticas, três de nossas entrevistadas avaliam que não foi devido aos seus pais, pois estes não recebiam sua ajuda, mas ainda assim precisavam sustentar elas mesmas, pois os pais não podiam dar-lhes o que precisavam, portanto, trabalhavam somente para seu sustento.

Eu trabalhava só para me sustentar, porque pai não queria desse dinheiro. É porque pai não tinha condição de dar as coisas para nós, aí nós trabalhávamos só pra comprar roupas, chinelos, pequenos, nossos luxos, mas eu ajudava mãe de vez em quando ela precisava comprar algum remédio, algum alimento, isso aconteceu muitas vezes, minha família vivia no campo. (RODRIGUES, 2015).

O trabalho era para seu próprio sustento, mas havia sempre o modo de ajudar a família, mesmo que da forma mais sutil como dar um remédio a mãe, conforme o depoimento de Rosilma Maria da Silva Rodrigues, a família vivia no campo e do campo, mas quando havia a necessidade de ajudar ela o fazia mesmo o pai não recebendo o dinheiro, ajudava a mãe no que ela precisava.

Segundo Maria do Socorro da Silva:

Eu só precisava trabalhar pra comprar as coisas pra mim, eu não precisava ajudar nas coisas de casa não. Só que eu tive uma gravidez muito jovem e foi um período muito difícil, por que além da minha gravidez no mesmo tempo meu pai se separou da minha mãe e aí juntou um problema com outro e a situação só piorou, porque eu tinha que trabalhar e deixar minha filha com minha mãe e minha irmã também precisava trabalhar, foi muito difícil.

A situação de Maria do Socorro da Silva foi reforçada pelo fato de a mesma ficar grávida muito jovem, assim a mesma precisou não promover o sustento de seus pais, mas de um filho, situação agravada pelo fato de que seu pai separou-se de sua mãe, então ela trabalhava como doméstica pra sustentar a filha e ajudar também sua mãe que cuidava de sua filha enquanto ela trabalhava. O fato de Maria do Socorro ter tido uma filha sem ser casada nos remete ao pensamento de Esteves (1989) quando a autora, analisando o contexto do início do século XX, destaca o fato de que relações sexuais antes do casamento era visto na sociedade brasileira como ausência de valores. O que a autora salienta que para as jovens pobres que tinham relações sexuais pré-maritais a virgindade e o casamento talvez não fossem valores para as mesmas, nem indicativo de honra, já que os padrões que normatizavam estas classes eram diferentes das camadas mais ricas. Observamos que estes debates que envolvem a questão de honra eram muito presentes e essa questão era motivo de discriminação e preconceito na cidade de Francisco Santos na época abordada.

Mary Del Priore (2006) ao pensar acerca da história do amor no Brasil no século XX que o casamento era bastante valorizado nessa época e que sua intenção era de que o casal tivessem filhos para ser pai e mãe, o sexo para a procriação justificava qualquer sacrifício e só o casamento tornava o sexo decente. Nessa perspectiva, podemos situar o que vivenciou Maria do Socorro ao ser mãe solteira e não lavar a suposta indecência com um casamento.

Perrot (2007) destaca também a questão da virgindade das moças é uma espécie de obsessão, cantada e cobiçada, sobretudo, vigiada, principalmente pelo olhar da religião, então, tanto a família quanto a sociedade busca preservar e proteger a virgindade da moça. Desse modo, podemos entender que para a sociedade franciscossantense Maria do Socorro muito perdeu a ser mãe solteira, sua virgindade havia sido perdida, tornou-se mal vista, perante a sociedade e pela própria família.

Continuando a abordar o porque de trabalhar como empregada doméstica, Rosa Margarida dos Santos Pereira, empregada doméstica na década de 1990, conta que trabalhava para seu estudo, pois foi morar com uma senhora quando era ainda criança, a mulher lhe acolheu em sua casa e ela trabalhava sem nada receber apenas para morar com ela e conseguir estudar, pois vinha do interior, onde não podia ter acesso ao ensino, somente com o passar dos anos foi que começou a ganhar dinheiro pelo seu trabalho, dinheiro esse usado só para o que desejava comprar, não precisava ajudar a família.

A entrevistada Rosa Neuma de Jesus Farias, é a única que trabalhou pela necessidade de ajudar a família, mãe e irmãs, devido a problemas com o pai, como era a mais velha teve que assumir responsabilidades. Segundo ela:

Eu trabalhava para ajudar minha mãe no aluguel, que nós não tinha casa e nós cozinhava na lenha, para o bujão, para comprar uma coisinhas para mim, que nós era moça, nós queria as roupas, os calçados, comprar os lápis e os cadernos e mãe não tinha como dá a nós, sempre era para ajudar, mas quando sobrava um pouquinho e mãe achava emprego, mãe dizia minha filha esse dinheiro é para você e nós ia lá na feira e comprava roupa na feira, nunca comprei em loja não sabemos o que é isso.

Rosa Neuma de Jesus Farias fala da necessidade de ajudar a mãe a pagar o aluguel, a comprar gás para que não cozinhassem na lenha, mais também tirava algo para si, para seu uso, principalmente quando mãe conseguia trabalho, pois dizia para a filha ficar com o dinheiro de seu trabalho como doméstica. Rosa Neuma, como a maioria das jovens gostava de cuidar de si, de se arrumar, se enfeitar, era sempre bom comprar uma roupa novo, um sapato novo.

Assim, Rosa Neuma, usava o que sobrava do que ganhava para arrumar-se, a beleza que a roupa e os caçados podiam lhe trazer valiam o gasto do dinheiro que ganhava com seu árduo trabalho. Segundo Michelle Perrot (2007) a mulher é antes de tudo uma imagem, é um corpo vestido ou nu, de acordo com a autora a mulher é feita de aparências, a beleza é o primeiro mandamento da mulher, a beleza torna-se uma obsessão para a mulher, a ela sempre coube o papel da sedução.

Tendo mostrado um parecer inicial da vida dessas mulheres, em relação a sua educação e o porquê de se tornarem domésticas, onde constatamos que os pais não estimulavam seu estudo, bem como o acesso ao mesmo era difícil, pois havia poucas escolas e na zona rural estas não existiam, os pais até que não estimularam seu trabalho no serviço doméstico, mas elas precisavam trabalhar para poderem se sustentar e adquirir o que precisavam. Desse modo, trabalharam como domésticas e ajudaram de alguma forma suas famílias, o mundo no qual viviam fortemente arraigado a agropecuária, fortemente marcado pela tradição sertaneja, sem poderem contar com escolas e com poucas possibilidades de emprego, passaram a exercer a profissão de empregada doméstica, o meio no qual viviam, seu espaço de vivência, foi responsável pelas escolhas que levaram a constituição de sua história, assim passamos a averiguar as histórias de vida das mulheres de Francisco Santos mais profundamente nos capítulos que se seguem.

2 DOMÉSTICAS DE FRANCISCO SANTOS-PI: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NO SERVIÇO DOMÉSTICO NOS ANOS 1990

Este capítulo intenciona falar das trajetórias de vida das mulheres que exerceram a profissão de empregadas domésticas na cidade de Francisco Santos-PI nos anos de 1990, o depoimento de mulheres que vivenciaram essa época e essa profissão são essenciais para traçar e alcançar nosso objetivo.

Nosso trabalho propõe escrever uma história das mulheres, as mulheres de Francisco Santos-PI que foram empregadas domésticas nos anos de 1990. Perrot (1995) afirma que escrever uma história tendo as mulheres como sujeito é um empreendimento novo e também revelador, é conceber que as mulheres tem uma história e que por muito ficaram as margens da historiografia, é perceber que as mulheres não estão apenas destinadas a reprodução, as mulheres possuem história, são agentes históricos e que é possível escrever está história.

Para Rago (1995) a presença da mulher na historiografia é algo novo e que tem revelado momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos e proporcionado um alargamento do próprio discurso historiográfico, que pensava as práticas marcadamente masculinas. A inclusão da mulher na historiografia nos proporciona conhecer um universo expressivo e empolgante, como conhecer a vida de mulheres que com seu trabalho construíram uma história de luta e vitórias, histórias cheias de vida e empolgação.

Falar das empregadas domésticas de Francisco Santos em 1990 é trabalhar uma história das mulheres e para falar das vidas dessas mulheres, de sua infância e juventude, dos motivos que levaram as mesmas a exercerem a atividade de doméstica averiguando suas possibilidades, utilizamo-nos da história oral, pensada, principalmente, por Le Goff (2003) e por Halbwachs (1992), que tem na memória peça constituinte e indispensável da história oral, sendo que consideramos que a história de vida das empregadas de Francisco Santos em 1990, suas experiências e vivências, devido à falta de opção de trabalho, é de grande importância para a preservação da identidade desta cidade, sendo a memória preponderante para que se estude este acontecimento.

Halbwachs (1992) concebe a memória como uma reconstrução do passado, a mesma é construída por grupos sociais que definem o que é memorável e tendem a lembrar o que não viveram diretamente. Dessa forma, as empregadas domésticas de Francisco Santos que nos concederam entrevista fazem parte de um segmento social que vivenciou uma realidade marcante e que faz parte do passado de sua cidade e de seu país, tendo importância para a compreensão de fatos históricos, bem como para pensar a realidade vivenciada na atualidade,

nesse caso essas mulheres viveram diretamente o serviço doméstico e suas peculiaridades e possuem e dentro de sua concepção definiram o que é importante lembrar e contar para as gerações vindouras.

A memória é de grande importância para o desenvolvimento da história, sendo que se a memória não existisse seria impossível o desenvolvimento do conhecimento. No entanto, recordar o passado não é uma atividade fácil, a memória é seletiva, escolhe-se o que se quer lembrar. Nesse contexto, as empregadas domésticas de Francisco Santos relembram suas trajetórias e nos repassam aquilo que sua memória resguardou, o que foi importante para as mesmas.

Conforme Le Goff (2003) a memória é uma das atividades fundamentais do homem, constitui-se um elemento indispensável para que se construa a identidade individual e coletiva e nos dias de hoje a busca pela memória é uma das principais atividades empreendidas pelo o homem. Le Goff (2003) concebe a memória como algo indispensável à história.

Para Pollak (1989) a história oral privilegia a análise dos excluídos, daqueles que são marginalizados da história, o que deu importância para as memórias subterrâneas e tornou-se parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. E é nesse sentido que encontramos a relevância de nosso estudo, dar voz a mulheres comuns, sujeitos de sua própria história, colaborando para a construção histórica através da memória, a história oral é, pois imprescindível em nosso estudo, posto que ela vem dar voz as mulheres empregadas domésticas de Francisco Santos.

A memória, pois constitui-se em instrumento relevante para a construção de nosso estudo, tendo em vista que as empregadas domésticas de Francisco Santos em 1990 guardam momentos relevantes deste passado recente e que contribuem para que além de suas histórias conheçamos fatos importantes deste período histórico e características marcantes de Francisco Santos-PI.

Os conceitos de memória que destacamos até aqui ajuda a pensarmos, acerca do que guardam na memória as empregadas domésticas de Francisco Santos-PI na década de 1990, ela, como avalia Le Goff (2003) é indispensável à construção da história, mas é preciso compreender também, conforme, lembra Pollak (1989) que a memória é seletiva, seleciona os fatos que julga verdadeiros, seleciona o que quer lembrar. Assim, a memória aqui precisa ser considerada, pois trabalhamos com aquilo que vivenciaram as empregadas domésticas de Francisco Santos e só elas possuem essa história, pois é sua história que nos ajuda na construção da história de mulheres que vivenciaram o serviço doméstico nos anos 1990 nesta

cidade do Piauí, com tudo que é peculiar da memória, é ela que nos ajuda a contar a história, é a memória o ponto chave de nosso estudo.

2.1 Os caminhos que levaram ao serviço doméstico: A trajetória e história de vida das domésticas de Francisco Santos-PI

As mulheres que cederam suas histórias de vida a este estudo têm em comum as experiências de vida como domésticas e nosso interesse encaminhou-se para saber como as mesmas tornaram-se empregadas domésticas. Que escolhas apresentaram-se a essas mulheres? Que possibilidades elas encontraram? Como foram suas infâncias? Que elementos estiveram presentes nas fases de suas vidas? Como era a relação no seio familiar? Que problemas enfrentaram? E que dimensões elas acreditam que sua história de vida pode alcançar no âmbito da história?

Ao longo do tempo muitas mulheres se dedicaram ao serviço doméstico o que consiste de alguma em cuidar da casa alheia. As trabalhadoras domésticas, todas elas possuem suas histórias, suas trajetórias de vida que é parte essencial do que as fizeram tornarem-se domésticas, podem ter exercido somente essa profissão durante toda a vida, podem ter tido filhos ou não, serem casadas ou não, fatos que as tornam semelhantes às mulheres que exerceram tantas outras profissões. As mulheres que trabalharam como domésticas na década de 1990, não só em Francisco Santos, como em outros lugares do Brasil ou até mesmo em uma perspectiva mundial, levam consigo sua trajetória de vida e sentimentos, certamente desenvolvidos no atuar de sua profissão.

Enfim, cada empregada doméstica tem sua história e esta encontra-se inserida na história do serviço doméstico no Brasil, na história de sua cidade e, portanto apresenta-se como importante para a compreensão de uma época, de um tempo e suas perspectivas, essas mulheres eram afligidas por questões, como seu lugar na sociedade, por problemas com a família, por questões sociais, sobre sua maneira de agir, comportamento, educação, problemas que estavam em torno da mulher em nosso recorte temporal. Aqui o que nos interessa é conhecer a história de vida das mulheres que trabalharam como domésticas em Francisco Santos e que se dedicaram a cuidar de famílias que não eram suas, a empreender tarefas como cozinhar, passar, lavar, entre outras em lares que não eram seus, mulheres como Dona Maria do Socorro e Dona Rosilma Maria, Dona Neuma e Dona Rosa Margarida.

Tendo em face que infância e a juventude são fases de suma importância na constituição da personalidade do ser humano, procuramos observar como foi os primeiros

anos das mulheres domésticas de Francisco Santos que se dispuseram a ajudar na construção de nosso estudo, conhecer sua infância e juventude, buscando por elementos que levaram a formação de sua personalidade e que podem ter sido decisivos para seguirem a profissão de doméstica.

Sobre sua infância, sua trajetória de vida, a empregada Maria do Socorro conta-nos:

Minha história de vida é a seguinte: nós fomos criadas na roça, eu e meus irmãos, meu pai e minha mãe era lavrador, minha mãe também vendia coentro. Antes nós morava no interior e depois passamos a morar na cidade e mesmo assim a situação era a mesma, de trabalhar na roça e vender coentro. E foi uma infância muito difícil, eu não lembro de nós estudar na nossa infância, devido nós morar no interior e não ter transporte pra nós vim pra cidade estudar e depois nós vinemos morar na rua lá fomos preciso ir trabalhar, eu só estudei até a sétima série, mais eu me arrependo muito de não ter estudado, eu aconselho direto meus filhos a estudarem pra ser alguém na vida. No meu tempo a mulher não tinha muita opção era só trabalhar na roça ou como doméstica, já que desde pequena a gente aprendia a fazer essas coisas de cuidar da casa. (SILVA, 2015).

Maria do Socorro é casada, mãe de dois filhos, dona de casa, reside em Francisco Santos, lugar de sua infância, juventude. Trabalhou desde muito jovem como empregada doméstica para famílias mais abastadas da cidade. Em seu depoimento ela nos revela uma infância difícil, marcante para suas escolhas e para a forma como pensa atualmente.

Filha de pai e mãe lavradores foi criada na roça, assim como seus irmãos, mesmo tendo se mudado para a cidade com sua família a vida continuou igual, a roça ainda era a alternativa de trabalho de sua família, vender coentro era parte indispensável para o sustento da família. Quando criança, Maria do Socorro não tem lembranças de frequentar uma escola, pois no interior não tinha colégios e nem transporte que pudessem levar as crianças para estudar na cidade. Ao se mudarem para a cidade Maria do Socorro conta que foi preciso trabalhar e por isso acabou dedicando pouco tempo para os estudos, tendo frequentado a escola até a 7ª série, fato que é motivo de arrependimento para Maria do Socorro que estimula seus filhos a estudarem, na certeza de que frequentar a escola pode lhes garantir um futuro melhor.

O depoimento de Maria do Socorro acerca de sua infância e consequente história de vida faz-nos observar que desde criança fora talhada para as atividades do lar, era assim que acontecia com as meninas, estudos para as mesmas eram raros, poucas oportunidades de emprego e aprender as atividades ligadas ao lar dava-lhes a chance de um casamento, nesse

sentido Maluf e Mott (1988) discorrem sobre as transformações que segundo as autoras aconteceram no século XIX quando brandos femininos começaram a surgir questionando a posição tanto social quanto econômica que as mulheres ocupavam na sociedade brasileira, haja vista que as mulheres que não eram ex-escravas estavam também condicionadas as tarefas do lar. Estes brandos femininos não seriam bem vistos pela sociedade que não aceitava as mudanças no relacionamento entre homens e mulheres, nem as inovações que a rotina feminina apresentava, o que era tido como uma ameaça à instituição familiar.

Nessa perspectiva Cardoso (2010), ao estudar Teresina no século XX, fala-nos sobre o feminismo, que segundo a autora, vem a despontar e se organizar no Brasil e pedia pela igualdade de gênero, para que isso ocorresse era necessário que a mulher tivesse igual acesso a educação, ao mercado de trabalho e a política, só assim a mulher se emanciparia, mas os homens e também algumas mulheres viam essa igualdade como sinônimo de desestabilização social. A sociedade modernizava-se, ao mesmo passo que mantinha-se tradicional. Assim a ordem só mostrava-se possível mediante as mulheres ocuparem o lugar de mãe, esposas e donas de casa.

Versando por compreender a história de vida das empregadas domésticas de Francisco Santos na década de 1990, que se constitui também em uma história das mulheres que se encaixa nas mudanças vivenciadas no país ao longo do tempo e, sobretudo, no século XX, onde se encaixa nosso recorte temporal, voltemos as suas histórias de vida, a Rosilma Maria não é diferente da de Maria do Socorro:

Minha infância foi triste, as coisas eram tudo mais diferente de hoje, foi difícil, morava no interior, era mais difícil da gente estudar, de vim pra cidade estudar e meus pais era pobre não tinha condição de dar nada pra gente, a gente tinha que trabalhar, era triste, não era muito boa não, minha mãe já ia me preparando para aprender a lavar, passar, cozinhar fazer tudo de casa. (RODRIGUES, 2015).

A infância de Rosilma Maria é considerada pela mesma como uma fase triste de sua vida, tempo em que as coisas se configuravam como bastante difíceis, a vida no interior constituía-se em um empecilho para os estudos, pois sem escolas no interior e sem transportes para levar as crianças à cidade, as chances de estudar eram mínimas, quase inexistentes para crianças pobres, as quais os pais tinham como meio de vida as atividades ligadas à roça. A vida na roça era muito difícil, o que se produzia era basicamente para subsistência, assim os pais ficavam se condições de oferecer tudo o que os filhos precisavam e era preciso começar a

trabalhar muito cedo, dessa forma, os caminhos do serviço doméstico começaram a ser traçados desde cedo para Rosilma, bem como para Maria do Socorro.

A mãe de Rosilma desde muito cedo passou a lhe ensinar as tarefas do lar, uma tradição onde conforme Maluf e Mott (1998) historicamente a mulher foi designada basicamente para desempenhar o papel de dona do lar, casar, ter filhos, não havendo realização possível para a mulher fora de casa.

Maluf e Mott (1998) nos fazem perceber que a atividade exercida pela mulher no Brasil foi durante muito tempo exclusivamente ligada ao lar, com o passar do tempo as mulheres não cuidariam apenas do seu lar, mas viriam a trabalhar em outros lares, era o caso de mulheres que precisavam manter-se enquanto outras mulheres devido ao processo de industrialização passavam a ingressar no mercado de trabalho. As autoras contextualizam a mulher no serviço doméstico ao passo que discutem as mudanças no comportamento feminino que ocorreram ao longo das três primeiras décadas do século XX, apontando que essas mudanças incomodaram os conservadores e deixaram os desavisados perplexos, comentam as novas maneiras de se comportarem das moças e destacam a ousadia das mesmas.

Maia (2007) afirma que desde a segunda metade do século XIX os discursos de modernidade já começavam a ganhar espaço no Brasil, nesse contexto à “verdadeira mulher” foi vista como administradora racionais do espaço doméstico, a mulher verdadeira tinha que ser mãe, esposa dedicada, inteligente sim, mas para comandar o lar.

As considerações de Maluf e Mott (1988) e as de Maia (2007) agregam-se para mostrar que desde o século XIX a modernidade apontava no Brasil, o que se intensificou no século XX, quando as mulheres começaram a ocupar novos espaços, como as fábricas, o que Cardoso (2010) já nos informou anteriormente ser alvo de estranhamento pelos homens, assim como por algumas mulheres, o papel da mulher ficou por muito, ainda, resignado as tarefas do lar, a mulher ideal, era aquela que bem cuidava das atividades do lar.

Neuma e Rosa Margarida também compartilharam sua história de vida, contaram acerca de sua infância. Neuma nos conta sua história marcada pela fome e pela violência de um pai alcoólatra:

Minha história de vida foi muito ruim e foi muito boa, nós sempre foi pobre, foi na época que meu pai bebia muito, nós tinha muito medo de pai, pai chegava bêbado, drogado, nós corria para as casas, mãe criou nove filhos vendendo bujão, vendendo aqueles negócios, castanha assada na rua, passemo muita fome, ai nós viemo, como era, nós morava no Morro da Cabocla, ai pai desse minha filha vamo para nossa terra, meus avós tinham

muita mandioca, farinha, foi difícil, nos passamos muita precisão, minha infância foi muito sofrida. (FARIAS, 2015).

A história de Dona Neuma foi de muito sofrimento, tinha um pai que bebia muito e que era violento ao chegar em casa, viviam no interior, o pai era o provedor do lar, mais a mãe era que tinha que se esforçar para criar os nove filhos, com atividades que se mostravam possíveis, como vender botijão de gás, castanha assada, saíram do interior Morro da Cabocla e foram morar no interior de Francisco Santos, vivendo da roça e do que ela lhes dava.

Primeiro foi a mãe de Dona Neuma que teve que se articular para criar os filhos, na falta do provedor do lar, que estava a mercê do alcoolismo, depois, como já vimos anteriormente nas falas de Neuma nesse estudo, a própria Neuma teve que ajudar no sustento da lar, por ser a filha mais velha.

Mãe e filha mostraram a força feminina e a capacidade da mulher de manter seu lar apesar das adversidades e do pouco espaço que a mulher encontrava na sociedade. Nesse sentido Perrot (2006) avalia que a mulher é o sexo tido como frágil, mas que exercia na família, ou na sociedade onipotência, a mulher tem uma responsabilidade assustadora e tem força para lidar com está responsabilidade. A mãe, então, é uma potência, a potência materna.

A mãe de Dona Neuma era casa e apesar de o marido ser violento e não prover o sustento do lar em face ao alcoolismo, ela mantinha o casamento, pois conforme entende Maia (2007) o casamento foi historicamente produzido, assim como a maternidade, eles eram elementos constitutivos da mulher, eram elementos que a definiam e, assim, sustentava-se o casamento, pois sem o marido a mulher era tida como um ser incompleto, assim a mãe de Dona Neuma seguia a vida de casada com todas as dificuldades que o casamento lhe apresentava.

Rosa Margarida acerca de sua infância diz que está foi de trabalho, pois com sete anos foi morar com uma senhora para cuidar dos filhos da mesma e logo assumiu a casa e todos os seus afazeres, não ganhava nada com isso, apenas trabalhava para poder morar na casa da referida senhora.

“As mulheres sempre trabalharam”. (PERROT, 2007, p. 109). Essa afirmação de Michelle Perrot cabe aqui ser lembrada, pois, embora se refira ao fato de as mulheres terem trabalhado em todos os períodos da história, ela cabe também aqui ao apresentarmos o fato de que desde criança Rosa Margarida trabalhou, e como Perrot (2007) avalia ao contar a sua história das mulheres, era um trabalho não valorizado e não remunerado.

O trabalho doméstico, segundo Perrot (2007) é fundamental na vida das sociedades, ele proporciona o funcionamento e reprodução, é na verdade um peso nos ombros das

mulheres, pois suas responsabilidades caíam sobre elas. Assim, Rosa Margarida desde muito cedo exerceu o trabalho doméstico, sua responsabilidade a priori era cuidar dos filhos de outrem, cuidar de crianças, quando ainda era criança, mas afinal era mulher e aprendia em casa, que o que era próprio de mulher, cuidar dos filhos e da casa, podia ser feito já que esta era sua função social.

Prosseguindo nosso olhar sobre a história de vida das domésticas de Francisco Santos em 1990, Maria do Socorro, ela relata que os pais eram de Monsenhor Hipólito e que não se recorda em como foram parar na cidade de Francisco Santos, mas nos anos 1990 o pai adquiriu uma terra na cidade e construiu uma casinha, era o começo de sua vida em Francisco Santos.

Maria do Socorro, assim como Rosilma, Rosa Margarida e Rosa Neuma, não tiveram oportunidades de estudo, o trabalho na roça começou cedo e a vida na cidade não trouxe mudanças significativas, munidas de sua força de trabalho elas caminharam para o serviço doméstico o que não enxergam como opção, mas falta da mesma.

Conta Rosilma que:

Não foi eu que escolhi, era a única que tinha naquele tempo e era uma profissão, não era muito boa não. Tinha umas casas que era boa, que a gente era bem tratada, tratava a gente como iguais mais tinha outras que humilhava a gente, era muito humilhante, tratava a gente com diferença, fazia umas comidas boa pros filhos e pra gente que era uma empregada doméstica, era umas comidas mais fraca, mais ruim, mais era a única que tinha a gente tinha que trabalhar naquilo mesmo, mesmo se sentindo discriminado, humilhada, a gente tinha que trabalhar pra ajudar os pais da gente. Em Francisco Santos não tinha fábrica, supermercado aí a gente tinha que trabalhar como doméstica. (RODRIGUES, 2015).

O serviço doméstico não tinha para as mulheres franciscossantenses nenhum outro atrativo a não ser a necessidade pela qual as mesmas passavam, que as faziam aderir a essa alternativa de vida, era digna sim, mas para elas não era algo bom, haja vista, as condições do tempo fazerem com que o trabalho fosse humilhante, o que muitas vezes era devido ao modo de ser dos patrões. Rosilma, contou que se sentia humilhada devido há algumas atitudes de seus patrões, como oferecer-lhes comida diferenciada da alimentação que a família tinha. Se fábricas e comércio nas cidades as mulheres viram-se sem opções de se manterem e ajudarem suas famílias, assim foram levadas a trabalharem como domésticas.

Nessa perspectiva, a situação das mulheres em relação à economia é um dos principais destaques do estudo de Maluf e Mott (1998), haja vista causar inconformismo nas mesmas, pois as mulheres não encontravam espaço em outros âmbitos de trabalho e, assim vinham-se

na obrigação de trabalharem como domésticas, haja vista ser o espaço que as mesmas encontravam. A mulher buscava por seu lugar na sociedade, queria muito mais do que cuidar de um lar e, assim as cidades eram palco das mudanças na vida das mulheres e, sobretudo da mudança de sua relação com o sexo oposto. O medo de que a família fosse desfeita fazia homens e mulheres se acusarem reciprocamente de serem responsáveis pela corrosão dos costumes.

Inseridas no espaço doméstico as mulheres iriam notar mudanças no mesmo nos anos de 1990 sendo que eles apresentaram avanços no serviço doméstico, pensar neste progresso nos remete a uma perspectiva histórica na qual direcionamos nosso olhar para o serviço doméstico no Brasil e sua gênese, sendo que numa visão histórica do trabalho doméstico no Brasil remetemo-nos ao período após a abolição da escravidão quando as escravas domésticas transformaram-se em empregadas domésticas.

Segundo Pereira (2011) não foram só as mulheres ex-escravas que exerceram o trabalho doméstico, muitos homens ex-escravos exerciam esse trabalho antes que a escravidão fosse abolida, logo depois foram feitos arranjos para que as mulheres ocupassem o mesmo lugar de antes, assim de escravas domésticas passaram a empregadas domésticas. Em fins do século XIX o trabalho doméstico já possuía grande relevância e configurava-se como um meio de sobrevivência e a incorporação dos escravos libertos se deu, sobretudo, no trabalho doméstico, sendo que nos grandes centros urbanos o trabalho doméstico se tornou o centro das relações de trabalho entre ex-senhores e ex-escravos. A mulher negra, então, passa a exercer seu trabalho através de outros arranjos sociais, mas continua com a mesma função de cuidar da família e da casa patriarcal.

É preciso destacar em relação a esse contexto que para Maria do Socorro, Rosilma, Rosa Margarida e Rosa Neuma o serviço doméstico era uma maneira de sobrevivência, assim como fora para as ex-escravas após a abolição, o que nos faz perceber que mesmo com o passar do tempo às relações de trabalho permaneceram as mesmas, quando tudo o que se enxergava era a falta de opção. De maneira que, conforme Pereira (2011) no século XIX, o trabalho doméstico constitui-se como uma forma de sobrevivência, onde as ex-escravas tentam ganhar sua vida realizando as tarefas ligadas ao lar, o trabalho doméstico já existia antes da oficialização do fim da escravidão e não era exercido somente pelas mulheres, muitos homens praticavam o serviço doméstico.

No século XIX os arranjos sociais são novos e a mulher negra passa a realizar o serviço doméstico por meio de contratos de locação de serviço cuidando da casa e da família patriarcal, na maioria das vezes continuando com seus antigos senhores. No século XX os

arranjos permanecem instituídos e as mulheres direcionadas ao trabalho no lar recebem por esse trabalho quando executado na casa de outro. “Eu precisava desse trabalho pra me manter, não estudei, não tinha outros empregos na cidade foi o jeito trabalhar como doméstica”. (SILVA, 2015)

“Eu não tinha outra opção, não tinha estudo e aí o que vi foi essa opção”, essa fala de Rosa Margarida dos Santos Pereira mostra que a mesma tornou-se doméstica porque não viu outra opção, não teve escolhas, como sabia cuidar do lar, acabou por se tornar doméstica, pois não vislumbrou outra alternativa.

Segundo Perrot (2007, p. 114):

O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa. [...] O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico. É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a ser os seus instrumentos mais constantes. É um trabalho que parece continuar o mesmo desde a origem dos tempos, da noite das cavernas à alvorada dos conjuntos habitacionais. No entanto, ele muda, em suas práticas e em seus agentes.

O trabalho doméstico apresenta-se como uma característica inerente a mulher, ele marca a trajetória feminina, é um trabalho que depende do corpo, por isso as empregadas domésticas de Francisco Santos que participaram de nosso estudo e que não tiveram oportunidades de estudo, encontrar no serviço doméstico alternativo, pois não precisava de estudo para exercer o mesmo.

O discurso de que o lugar da mulher é no lar ganha as ruas e reforça-se a imagem da mesma como mãe, esposa e dona de casa. O poder do marido sobre a mulher assustava, pois esta lhe devia tal obediência a ponto de não sair de casa sem seu consentimento. O marido acostumou-se a ser o único provedor da casa e pensar que a mulher também poderia ser lhe assustava.

Para Maluf e Mott (1998) as mulheres que inseriram-se no serviço doméstico geralmente não tinham uma presença masculina efetiva no lar, durante o século XX, ou conviviam com companheiros que não tinham um trabalho efetivo, assim, as mulheres exerciam atividades no seu lar e de outra pessoa, cuidavam dos filhos e exerciam várias atividades. Nessa perspectiva, podemos perceber que no caso de Maria do Socorro a profissão de doméstica apresentou-se de maneira mais forte pelo fato de a mesma ser mãe solteira, sem

a presença de um homem no lar para apresentar como pai de sua filha e para arcar com seu sustento ela teve que seguir o caminho que se mostrava como único.

Dessa maneira, ocupando-se nos lares alheios as mulheres domésticas de Francisco Santos viveram os anos de 1990 que segundo Fediuk (2005), são os que mais apresentaram avanços do serviço doméstico no Brasil como ocupação feminina, isso se deve a diminuição de oferta de empregos nas fábricas e no comércio. Ainda conforme Fediuk (2005, p. 1):

De acordo com dados do IBGE (2002), o serviço doméstico que, em 1992, ocupava o quinto lugar entre as principais ocupações das mulheres, em 2001 tornou-se o segundo tipo de trabalho por elas exercido. Em 1992, havia 3,6 milhões de mulheres empregadas em serviço doméstico. Em 2001, a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) identificou 5,3 milhões na mesma situação. Ou seja, houve um aumento de 47%, sendo que, deste contingente de trabalhadoras, somente 25,88% tinham contrato formal de trabalho. Neste caso, houve um aumento em relação a 1992, cujo índice era de 18,17%, porém ainda insignificante ao se considerar o total de mulheres nesta ocupação.

Como podemos perceber o serviço doméstico na década de 90 era uma das principais atividades empreendidas pelas mulheres no Brasil, isso devia-se a falta de emprego em outras áreas como a indústria e o comércio, o que configurava em falta de opção para as mulheres brasileiras que precisando de uma renda para sobreviver acabavam por ingressar no trabalho doméstico. E também a uma tradição escravocrata brasileira, que, conforme já mencionamos anteriormente, as mulheres escravas exerciam as atividades domésticas quando em vigor a escravidão no Brasil e continuaram a exercer após o fim da escravidão só que de escravas domésticas passaram a empregadas domésticas.

2.2 Empregadas domésticas de Francisco Santos-PI: Perspectivas e possibilidades para as mulheres da cidade além do serviço doméstico

É necessário lembrar que nosso trabalho tem como recorte temporal a década de 1990, anos que apresentam no Brasil a instabilidade do governo Collor com seu impeachment, o governo de Itamar Franco e o esboço de um crescimento econômico com a implantação do plano real em 1994 pelo o então ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso, que se elegeu presidente por dois mandatos consecutivos na década de 1990 e buscava pela a estabilização econômica do Brasil. (NERI, 2000)

A década de 1990 é a que apresenta um dos eventos mais marcantes da história brasileira, o impeachment de Collor, a criação de uma moeda que permanece até os dias de hoje, o real, e que assiste a presidência de um dos homens considerados mais inteligentes do Brasil, FHC, época em que situa-se nosso objeto de estudo, as empregadas domésticas de Francisco Santos-PI. (NERI, 2000).

Nesse contexto de desenvolvimento e inserção de uma nova moeda no Brasil, a estabilização econômica aponta possibilidades e perspectivas em diversos setores econômicos e direcionamos nosso foco para as fábricas e comércio em Francisco Santos, se ele existia e era atuante e as possibilidades que ele oferecia para as mulheres da cidade.

O comércio em Francisco Santos surgiu muito cedo, tão logo chegaram os seus primeiros habitantes, “nasceu com os primeiros habitantes, cresceu e desenvolveu na medida de suas necessidades e exigências. Dessa forma, uma comunidade terá o seu comércio maior ou menor de acordo com o grau ou estágio de seu próprio desenvolvimento”. (SILVA, 2010, p.76).

Sobre fábricas e comércio em Francisco Santos-PI, Maria do Socorro fala:

Eu lembro de uma fábrica de caju que tinha na época, mas e não cheguei a trabalhar e essa fábrica ficava em outra cidade, mas muita gente saiu daqui pra trabalhar nessa fábrica, eu nunca fui por ser em outra cidade, ai eu achava difícil o transporte, então eu opinei continuar trabalhando na cidade de doméstica. (SILVA, 2015).

As lembranças de Maria do Socorro, que trabalhou como doméstica nos anos 90, em relação a fábricas e comércios na cidade de Francisco Santos remetem a um olhar para a cidade como insuficiente em relação às mesmas. Pois, ela lembra que havia uma fábrica em outra cidade e que muitas pessoas saiam de Francisco Santos para irem trabalhar nessa fábrica, mas Maria do Socorro preferiu ficar na cidade e trabalhar como doméstica, já que o transporte era difícil, tornando inviável para ela trabalhar em outra cidade.

Para Bruschini (1988) mudanças políticas e econômicas ocorreram no Brasil durante os anos de 1980 a 1995, a época apresenta um aumento demográfico considerável, as transformações que aconteceram foram de ordem política em consonância com as de ordem econômica.

Ainda conforme Bruschini (1988) os planos que envolvem a mudanças das moedas no país relacionam-se com a crise econômica da época e as transformações pelas quais a indústria passou, bem como o papel de destaque do setor terciário nos anos 80 e a expansão dos empregos no setor público. O governo de Collor merece destaque para a autora, haja vista

ter sido o primeiro presidente eleito após a Ditadura Militar, bem como as características políticas e econômicas desse governo, não obstante é preciso destacar a ênfase no Plano Real elaborado no governo de seu substituto Itamar Franco.

O foco principal do estudo de Bruschini (1988) é a participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro no período 1985 – 1995, onde a autora destaca o aumento da atividade feminina durante o recorte temporal, a mulher em relação ao trabalho, a família e a escola, avaliando as mudanças que aconteceram no período e as persistências, o que não mudou, embora fossem novos tempos. Nesse contexto a autora avalia que nos anos de 1985 a 1995 as mulheres ganharam destaque como força de trabalho no mercado e passaram a desempenhar um trabalho mais relevante que os homens.

No que se refere à cidade de Francisco Santos percebemos pela fala de Rosilma que não havia muito espaço para as mulheres no mercado de trabalho, segundo ela:

Existia a fábrica de castanha e eu cheguei a trabalhar nela, mas só que fechou porque faliu, mandaram embora o povo que trabalhavam todo lá, e aí que a fábrica fechou eu procurei outro emprego e o único que eu consegui foi o de empregada doméstica. (RODRIGUES, 2015).

A única lembrança que Rosilma guarda sobre as fábricas e o comércio em Francisco Santos na década de 1990 é a de uma fábrica na qual a mesma chegou a trabalhar, mas que veio a falência e deixou muitos desempregados, sendo que, então, o serviço doméstico se apresentou para a mesma como única alternativa.

Maria do Socorro, ainda, ressalta que “as fábricas ofereciam trabalho para as mulheres sim, mas comércio não, aqui não tinha comércio que oferecesse serviço para mulheres” (SILVA, 2015). O comércio incipiente de Francisco Santos não dava oportunidades às mulheres, sendo as vagas que existiam no mesmo destinadas a homens.

Sobre outras possibilidades de emprego, além do serviço doméstico, onde buscamos questionar se não havia fábricas e comércios em Francisco Santos para que as mulheres trabalhassem, Rosa margarida disse que não lembrava-se de nada desse tipo, enquanto Rosa Neuma contou que procurou emprego numa fábrica, mas este foi negado pelo dono, devido ao fato de a mesma não ter qualificação suficiente para ocupar o cargo.

Como Bruschini (1998) avalia que as décadas de 1980 e 1990 foi um período em que a mulher se inseriu amplamente no mercado de trabalho, em fábricas, no setor terciário, fez com que a mulher fosse envolvida por esse meio e passasse a ter menos filhos, principalmente nas áreas mais desenvolvidas do país. A escolaridade se expandiu e as mulheres tiveram mais acesso às Universidades e, assim, a novas oportunidades de emprego.

A mulher passou a ter que articular seu trabalho fora de casa com as atividades do lar, pois a visão da mulher como doméstica seria uma das persistências desses novos tempos. Pois, segundo Buschini (1998) a visão conjugal, filhos, atividades do lar, sempre estarão ligadas as mulheres, no recorte temporal analisado as mulheres que faziam parte do mercado de trabalho, deixaram de ser somente jovens e passaram a ser também mais velhas. Nesse contexto, a maternidade foi colocada em foco, pois a questão dos filhos e de sua educação sempre permearam a questão do trabalho feminino, pois as mães mesmo trabalhando fora são as maiores responsáveis pelos filhos.

Maia (2007) afirma que a mulher buscava por igualdade dentro e fora da família, mas que a família conjugal, com o casamento, filhos e conseqüentemente as mulheres exercendo o papel de esposas e mãe dedicadas, excelentes donas-de-casa, era o desejado pela sociedade, as mulheres eram governadas pelo matrimônio

As mulheres sempre encontraram mais opções de trabalho na prestação de serviços, mas também ampliaram sua participação no comércio, na época analisada as mulheres ocupavam 36% do trabalho formal, dados nacionais, e se concentravam principalmente na administração pública. (BRUSCHINI, 1998).

Destaca Bruschini (1998) que embora as mulheres tenham crescido bastante no mercado de trabalho na época analisada, ainda enfrentam muitas barreiras e ocupam os lugares menos privilegiados da economia.

Em Francisco Santos, assim como nas demais regiões do país os homens em sua grande maioria não condiziam com a ideia de a mulher trabalhar em fábricas ou comércio, o trabalho doméstico era mais bem visto pelos mesmos, já que deixava a mulher no lugar que eles imaginavam serem delas, no lar, cuidando dos afazeres de uma casa. Rosilma conta que naquela época “os homens eram mais mandão, mais poderosos. Queriam as mulheres debaixo dos pés deles”. (RODRIGUES, 2015). Podemos compreender essa situação pela concepção de Perrot (2007) que afirma que muito vigorou-se a ideia de que o homem em casa é o rei e que a mulher deve estar sob o jugo deste.

Rosilma é casada e seu esposo trabalha na roça e ela trabalha atualmente pela prefeitura, a mesma considera que recebe um bom salário em comparação ao que ganhava como doméstica.

Maria do socorro conta que teve uma filha sem se casar, motivo pelo qual sofreu discriminação na época e quando sua filha tinha três anos de idade, conheceu um homem com quem se casou e teve mais um filho, casada com este homem ela continuou seu trabalho como

doméstica, ressaltando que sempre alternou o serviço na roça com o serviço doméstico, a mesma considera que sua vida não foi fácil.

Nesse contexto, acredita Esteves (1989) que ao longo da história foi talhado um lugar para a mulher em que a mesma só encontrava respaldo no serviço doméstico, sendo que seu trabalho era visto apenas como ocasional, já que ela deveria ser uma boa esposa, o marido se encarregaria das despesas e as mulheres apenas de cuidar dos filhos e do lar.

A história de vida dessas mulheres, sua busca pela sobrevivência, esta arraigada ao serviço doméstico, este foi sua fonte de renda durante os anos de 1990, que garantiu um emprego, um dinheiro para receber ao final de cada mês, percebemos que as fábricas e o comércio não apresentavam grandes oportunidades para as jovens mulheres de Francisco Santos, sendo escassos esses trabalhos na cidade e quando de sua existência direcionavam-se mais para os homens. A roça foi uma constante na vida dessas mulheres, que preferiram a casa de outrem para cuidar do que a vida na lavoura.

Considera-se então que a cidade de Francisco Santos notoriamente de tradição sertaneja, nascida com as atividades agropecuárias, não dispunha nos anos de 1990 de fábricas e comércio que pudessem oferecer trabalho para as mulheres da cidade, sem perspectivas de emprego, as jovens dedicavam-se a trabalhar no lar de famílias mais abastadas, embora o tempo de nosso recorte temporal tenha sido um período de inserção da mulher no mercado de trabalho, estas encontram os lugares menos privilegiados da economia e na cidade de Francisco Santos a oportunidade de emprego que encontraram foi o serviço doméstico, o qual foi abraçado pelas mesmas com a intenção de garantirem o que era mais indispensável a sua vida. No capítulo seguinte conheceremos através dos relatos de vida das empregadas domésticas de Francisco Santos como se dava suas relações de trabalho nos lares de outrem.

3 “UMA GENTE DECISIVA, COMANDANTES DE OUTROS LARES”¹¹: AS RELAÇÕES DE TRABALHO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE FRANCISCO SANTOS

O trabalho doméstico é caracterizado pelo servir a outra família em troca de alguma remuneração. Nesta relação se estabelecem muitas vezes vínculos entre o empregador e a empregada, isso ocorre devido ao fato de manter contato com a pessoalidade e a intimidade de uma família, passando a conhecer seus gostos, hábitos, defeitos e desejos. (FEDIUK, 2005).

Este capítulo pretende tratar de como se configuravam os papéis de patrões e empregadas, serviço e remuneração entre esses sujeitos no intuito de analisar como se davam o trabalho doméstico na cidade de Francisco Santos-PI, pois acreditamos que conhecer essa relação permitirá visualizar o porquê das mulheres optarem pelo trabalho doméstico, as relações sociais e quais os significados que este trabalho traz para a vida social destas funcionárias e assim fazer uma leitura desta realidade para melhor depreendê-la.

3.1 O laborar das empregadas domésticas de Francisco Santos

No decorrer deste estudo podemos perceber que as mulheres de Francisco Santos não encontraram muitas alternativas ao longo de suas vidas, os estudos mostraram-se como uma realidade difícil de alcançar, as dificuldades eram tamanhas que as mesmas se ausentaram da escola, também não encontraram espaço nas fábricas, a cidade não contava com um comércio diversificado, não era um campo que oferecia muitos empregos e estes quando existiam destinavam-se aos homens.

Sem perspectivas de estudo ou de ingressarem no setor secundário¹² para trabalharem as mulheres da cidade de Francisco Santos viram-se obrigadas a ganharem seu sustento no trabalho doméstico, aquelas que vinham do campo fugiam do trabalho fatigante da roça, buscavam melhoria de vida e assim o trabalho doméstico constituiu-se como opção restante e elas o abraçaram juntamente a todas as condições advindas com o mesmo, os baixos salários, às vezes uma relação difícil com os patrões e condições humilhantes de emprego.

¹¹As empregadas domésticas cuidam de lares de outrem e nos mesmos são decisivas, pois realizam as atividades da casa contribuindo para o bem estar dos patrões e delas depende a organização e conforto do lar.

¹²**Setor Secundário** da economia é o responsável pela transformação dos bens e matérias-primas advindos do setor primário em mercadorias, que são transferidas para a comercialização no setor terciário. Assim, o setor secundário corresponde à produção fabril, com vários tipos de indústrias que se estruturam em diferentes áreas e aspectos do mercado. (BRSCHINI, 1998).

Ferreira (2006) afirma que o trabalho doméstico é uma das principais ocupações de mulheres pobres em todo o mundo, sendo que este está sempre passando por mudanças. Assim, podemos observar que atualmente a empregada doméstica possui seus direitos que devem ser respeitados conforme lei de 2006¹³, a mesma possui carteira de trabalho assinada e como qualquer outro profissional dispõe de descanso semanal, férias remuneradas e seguro em caso de acidente, além de direito a descanso nos feriados. Mas, é evidente que na década de 1990 as empregadas domésticas não contavam com nada disso e trabalhavam de maneira estabelecida pelo seu empregador.

Bom era difícil, a mulher era discriminada, sempre foi, principalmente empregada doméstica, porque nunca valorizavam o serviço da gente, nós não tinha salário, nem carteira assinada e a discriminação sempre foi essa na nossa cidade pequena e ai não valorizavam nosso serviço (SILVA, 2015).

Pelo depoimento de Maria do Socorro da Silva, podemos perceber que a mesma sentia-se discriminada, morava em uma cidade pequena onde todos sabiam um pouco da vida de cada um, onde as notícias corriam de boca em boca, assim todos sabiam que ela trabalhava sem segurança, sem carteira assinada e isso fazia com que ela se sentisse discriminada pela sociedade, para Maria do Socorro a discriminação sempre foi uma constante na vida da mulher.

O paradigma patriarcal a qual as mulheres foram submetidas fazia com que, do ponto de vista social, a mulher fosse vista como a mãe, a esposa, a dona de casa. Dessa forma, se compreende que o serviço doméstico é talhado para a mesma e aceito por estas como vocação, no entanto, se esquece de que muitas mulheres aderiram ao longo da história e continuam a aderir à profissão de doméstica por falta de opção.

A empregada doméstica Rosa Margarida dos Santos Pereira, avalia que seu trabalho é como outro emprego qualquer, acontece que o mesmo não é reconhecido e, assim, sofrem

¹³A lei das empregadas domésticas foi aprovada em 2006 em um contexto em que o empregado doméstico era tido como categoria a qual categoria à qual se negaram os direitos garantidos aos demais tipos de empregados. Foi gradativamente que o doméstico foi adquirindo os direitos que hoje possui, o que ainda não lhe assegurou, entretanto, igualdade de tratamento com o empregado comum. Diversos são os argumentos utilizados para justificar tal diferença, dentre os quais o que conta com maior adesão da doutrina e jurisprudência trabalhistas é o que sublinha a relação de confiança essencial ao emprego doméstico, relação que garantiria um tratamento diferenciado ao doméstico, “quase um membro da família”, mas que exigiria, em contrapartida, um tratamento diferenciado também por parte do legislador, que deveria ser mais “econômico” nos direitos a serem outorgados a este trabalhador. Apesar da sua força, este argumento não tem impedido a concessão de novos direitos aos domésticos nos últimos anos, tendência que se reforçou pela promulgação da Lei nº 11324, de 19 julho de 2006, essa lei define o doméstico como o empregado que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa física ou à família, no âmbito residencial destas. (http://www.trtsp.jus.br/geral/tribunal2/Revistas/revista_eletronica/15_2014.pdf).

com a discriminação. Para Rosa Margarida o trabalho como doméstica é “bom, eu gosto e faço com carinho”. (PEREIRA, 2015). Quando questionada pelo motivo de ter exercido essa profissão, ela destaca que não tinha estudo, “e aí o que vi foi essa opção aí”. (PEREIRA, 2015).

Rosa Neuma de Jesus Farias também relata a falta de estudos como motivo para ter se tornado empregada doméstica. Segundo ela o fato de não ter estudado era irresponsabilidade sua, remete-se também ao fato da separação dos pais, foram abandonadas e, assim, assumiu, ainda mais, a responsabilidade de ajudar a mãe a cuidar dos oito filhos que tinham além dela. Desse modo, podemos ver claramente que as empregadas de Francisco Santos aderiam ao serviço doméstico por falta de opção.

Segundo Cardoso e Vainfas (1997) o trabalho doméstico surge também como resultado de mudança de estrutura familiar e, que a unidade doméstica transformou-se em objeto específico dos estudos históricos, transformando-se na abordagem da economia doméstica, tornando-se um meio de manter a economia familiar que agora via nas mulheres uma mão de obra ativa, mas que, porém, as mesmas por falta de maiores instruções, acabavam tendo no serviço doméstico a saída para poder contribuir na renda familiar. .

Não obstante sabemos que o século XX refletiu suas marcas sociais no início do século XXI, uma vez que a sociedade entrou neste século ainda marcado por concepções e pensamentos do anterior (CARDOSO; VAINFAS, 1997), isso trouxe mudanças à forma de enxergar a mulher e também ao comportamento da mesma, ela a jovem, moça, a mulher ansiava pela sua emancipação, por não viver sob o jugo de um homem. Assim, Cardoso (2012) conta-nos que Higino Cunha, importante intelectual piauiense do início do século XX, argumentava acerca da necessidade de que se abandonasse alguns preconceitos em relação à mulher, mas que a emancipação feminina ocorresse dentro de certos limites, sendo que as diferenças entre homens e mulheres permanecessem. Necessitava-se, pois que a mulher adquirisse saberes modernos, tradicionais e científicos, havia, o desejo de uma dona-de-casa profissional. Dessa maneira, intelectuais do século XX acreditavam que alguns preconceitos envolvendo as mulheres fossem erradicados, mas que a mesma não se emancipasse por completo, apenas adquirisse alguns dos conhecimentos científicos da época e, assim se tornasse uma dona de casa profissional.

As mulheres na capital do estado do Piauí, Teresina, começavam a se posicionar já por volta de 1910, sobretudo, as que entravam para a Escola Normal Oficial¹⁴. A época era de

¹⁴Escola destinada à formação de professoras.

industrialização e o trabalho da mulher era colocado em pauta. Porém, a cidade de Francisco Santos não caminhava nesse ritmo, tanto que nos anos de 1990 a industrialização e o comércio era uma possibilidade quase impensável para a mulher, conforme podemos observar no capítulo anterior (DEL PRIORE, 2006).

Até mesmo o trabalho doméstico na cidade não apresentava uma possibilidade de se garantir financeiramente, haja vista os salários serem baixos e apenas ajudarem as mulheres a se manterem, sem nenhum luxo, sem nenhuma regalia muitas vezes as mulheres saíam da cidade para regiões vizinhas em busca de melhores salários. Conta Rosilma Maria:

Era comum demais, porque as patroas daqui pagavam pouco e o ganho daqui era pequeno demais e fora em outras cidades elas pagavam melhor, nós ganhava mais, era um dinheirinho até melhor que o daqui. (RODRIGUES, 2015).

Percebe-se nas falas de Rosilma Maria da Silva Rodrigues que o trabalho doméstico não era visto como a fonte principal de renda familiar, mas um complemento com a qual as mesmas buscavam suprir outras necessidades que não apenas as basilares e que por esta razão muitas vezes saíam em busca de trabalhos melhores o que não significava que seriam os salários mais justos.

Nessa busca por melhores condições salariais Maria do Socorro da Silva afirma que:

Eu mesma fui uma dessas jovens que saía daqui para outra cidade porque fora a gente ganhava mais um pouco, o dinheiro era mais, aqui o ganho era pouco e fora era melhor. Eu comecei a trabalhar de doméstica com 13 anos e depois de tanto tempo ainda trabalho como babá. [...] O ganho como doméstica era muito pouco, pra sustentar minha filha eu tive ajuda do pai dela. Como eu era mãe solteira era muito difícil sustentar minha filha. (SILVA, 2015).

As falas de Rosilma e Maria do Socorro, revelam as condições do trabalho doméstico na cidade de Francisco Santos no que se refere a salário, as patroas da cidade pagavam pouco pelo trabalho doméstico, assim muitas jovens acabavam por saírem da cidade em busca de um emprego que lhe oferecesse melhores salários. O depoimento de Maria do socorro faz com que percebamos que a mesma começou a trabalhar como doméstica quando ainda era uma criança, tinha apenas 13 anos quando passou a cuidar de uma família que não era sua, situação agravada quando esta teve uma filha em plena juventude. Sem casar-se tornou-se mãe solteira, o que devido ao preconceito da época agravou ainda mais sua situação lhe fechando várias portas, além do desejo de manter a filha e não lhe deixar nada faltar ter estimulado a permanência no trabalho doméstico.

Rosa Neuma conta que também saiu de Francisco Santos para Campo Maior, quando em Francisco Santos o trabalho doméstico não estava sendo suficiente para o sustento, em Campo Maior¹⁵ não encontrou trabalho de doméstica e foi trabalhar na feira com seu irmão. Já Rosa Margarida conta que muitas jovens iam trabalhar em outras cidades também vislumbrando a possibilidade de estudarem, assim ia morar com famílias para as quais trabalhavam como doméstica em uma cidade que podiam estudar, mas ela mesma não saiu da cidade.

Interessa-nos também compreender como era o trabalho dessas mulheres, que atividades elas realizavam, Maria do Socorro da Silva e Rosilma Maria da Silva Rodrigues contam-nos que:

Fazia exatamente tudo dentro daquela casa, limpava o pó, varria, passava pano na casa, lavava banheiro, louça, limpava quinta, terreiro, lavava também as roupas e ainda cuidava de dois filhos que a patroa tinha, o que fez com que eu também me tornasse babá, profissão que exerço até hoje. (SILVA, 2015).

Ressalta-se ainda que as mulheres quando contratadas recebiam um salário por uma atividade, mas acabavam realizando mais de uma incumbência, tornavam-se basicamente as comandantes das casas porque além de cuidar das crianças ainda eram responsáveis por outros seguimentos do serviço doméstico. Como reforça Silva (2015):

Fazia tudo que era atividade de casa e às vezes até mais um pouco, cuidava mais dos meninos dos patrões que eles, levava até pra escola e fazia até compras pra casa do patrão, era trabalho demais e pouco dinheiro por ele e fazia tudo sozinha, a patroa não ajudava em nada. (SILVA, 2015).

Rosa Margarida, que também fez parte de nosso estudo, conta que fazia tudo na casa em que trabalhava, tomava conta da casa e dos filhos, tudo era sua responsabilidade. Da mesma forma, Rosa Neuma afirma que cuidava de todos os afazeres da casa em que trabalhava.

Assim, as tarefas desenvolvidas pelas empregadas domésticas de Francisco Santos eram as mais diversas, cuidavam de tudo na casa e não contavam com a ajuda da patroa, é interessante notar. Conforme observa Ferreira (2006) que as relações mudaram entre patroa e empregadas ao longo do tempo, pois a anos atrás era bastante comum a patroa dividir as obrigações do lar com a empregada, mesmo que não fossem as mesmas tarefas, mais eram mais compartilhadas.

¹⁵Campo Maior é um município brasileiro do estado do Piauí, próximo de Francisco Santos.

Empreendendo diversas atividades, sendo mal remuneradas as trabalhadoras contam que ser doméstica era uma tarefa muito fatigante, o trabalho doméstico era exaustivo, as empregadas domésticas ressaltam que:

Nossa! É muito desgastante trabalhar como empregada, além de desgastante é muito humilhada, a maioria dos patrões eram muito exigentes, abusivas, as pessoas da alta sociedade não respeitava as empregadas tratava mal, humilhava. (SILVA, 2015).

Esse desrespeito pelo trabalho dessas mulheres pode ser percebido como fruto de uma formação social em que as mulheres só podiam trabalhar para ajudar a complementar a renda familiar e uma vez casadas estas passavam a ser de incumbência dos maridos que as proibiam de exercer qualquer profissão ou quando a faziam ainda era até ter o primeiro filho, o que fica evidente era a pouca valorização a esse período de suas vidas em que exerceram profissão (MESTRE, 2004).

Era desgastante demais trabalhar como empregada doméstica. A gente tinha que trabalhar nem que tivesse doente, naquele tempo era muito ruim. Eu começava no trabalho seis horas da manhã e só ia parar seis da noite, era toda hora que eu trabalhava, toda hora tinha roupa pra lavar, passar, casa pra limpar, era serviço demais, eu me sentia muito discriminada, achava ruim demais, eu não gostava da profissão. Eu não sentia vergonha de ser empregada doméstica porque eu não tinha vergonha de trabalhar, eu me sentia honrada, eu gostava de trabalhar, podia ser em qualquer serviço, o importante era ter trabalho. (RODRIGUES, 2015).

Os depoimentos de Maria do Socorro da Silva e Rosilma Maria da Silva Rodrigues demonstram que o trabalho doméstico exigia muito das mulheres que ingressavam nessa profissão nos anos de 1990, assim elas trabalhavam o dia todo, sem descanso, cuidavam de todas as atividades do lar, para Rosilma apesar de não se sentir valorizada, sentia-se feliz por ter um trabalho que era para a mesma o mais importante.

Nota-se no discurso das mesmas que elas se satisfaziam em poder trabalhar, apesar das más condições que lhe eram propostas, isso reflete a ideia de trabalho como redenção social, inculcada nas representações delas e também como um meio de sair do papel de apenas rainha do lar.

Ainda nessa perspectiva Rosa Neuma de Jesus Farias, fala sobre o trabalho de doméstica:

Ser empregada doméstica era mito triste, hoje não, hoje já tem mais uma consideraçãozinha, mas nós trabalha de segunda a sábado Hoje elas já trata nós mais melhorzinho, mas antigamente, hoje já tem uns vinte anos que

trabalho, mas hoje elas não desconta, quando adocece, elas diz não ta bom, mas não desconta, mas empregada doméstica eu só vou para essa profissão porque eu não tenho outro emprego. [...] antes nós ficava mais só pela comida, hoje nós quer mais coisa, trabalhei muito e trabalho, mas peço a Deus todo dia para chegar minha aposentadoria. (FARIAS, 2015).

Rosa Neuma não esconde a insatisfação com a profissão de doméstica e diz está cansada, esperando sua aposentadoria, ainda hoje exerce a profissão que já lhe acompanha a vinte anos. Para ela ocorreram melhorias na profissão, pois nos anos 90 quando faltava ao trabalho por motivo de doença, ou outro, tinha o dia descontado do que recebia. Isso porque nos anos de 1990 o serviço doméstico estava desprotegido, não havia políticas públicas voltadas para a proteção e regulamentação daqueles que exerciam essa profissão.

Rosa Margarida, afirma que começou a trabalhar como doméstica desde criança, tinha sete anos e não ganhava nada com isso, apenas o que comer, morava na casa dos patrões e cuidava de todas as suas tarefas para ter um lugar onde morar e o que comer, com o passar do tempo foi que começou a receber algo, mas nunca um salário completo.

O excesso de trabalho era uma constante na vida das empregadas domésticas, encaravam uma jornada intensa, tinham muitas responsabilidades. Sobre isso em pesquisa realizada por Bruschini em 2006, apresentou-se os resultados de uma pesquisa em que um dos elementos mais contraproducentes compreendidos pelas mulheres no que se refere à sua situação atual como empregadas domésticas está atrelado à questão do excesso de responsabilidades, atribuídas principalmente à dupla jornada de trabalho. Em contrapartida, a mesma pesquisa revelou que as mulheres, quando podem escolher preferem "trabalhar fora e dedicar-se menos à casa e à família", revelando a necessidade de quebra com o papel de gênero tradicional.

Compreendendo que as empregadas domésticas de Francisco Santos não recebiam bem por seu trabalho, contavam com uma carga de trabalho exaustiva, interessa-nos conhecer como se dava as relações entre patrões e empregadas, de maneira que possamos conhecer que como a empregada doméstica era tratada na cidade de Francisco Santos.

3.2 Como se fosse da família? A relação entre as empregadas domésticas de Francisco Santos e seus patrões.

Melo (1998) argumenta que as relações de trabalho que envolvem o serviço doméstico perpassam das questões jurídicas e contratuais, elas não envolvem só questões como jornada de trabalho, férias remuneradas, descanso semanal, licença maternidade, essa relação envolve

um modo de vida, assim Melo (1998) destaca que o fato de que o trabalho executado pelos empregados domésticos não é somente uma que está apegada apenas ao pagar pela mão-de-obra, mas incide no modo de viver. O mesmo diz ainda que:

Esse trabalho dirigido para as atividades de consumo familiar, é um serviço pessoal para o qual cada mulher internaliza a ideologia de servir aos outros, maridos e filhos. O trabalho realizado para sua própria família é visto pela sociedade como uma *situação natural*, pois não tem remuneração e é condicionado por relações afetivas entre a mulher e os demais membros familiares, gratuito e fora do mercado. (MELO, 1998, p. 2).

Assim o trabalho doméstico é visto culturalmente como uma responsabilidade da mulher que ao realizar esse trabalho para a família é visto de uma maneira natural e quando uma mulher contrata os serviços de outra, dando a mesma a responsabilidade de cuidar de uma família que não é sua. A mulher que a contratou estabelece a visão do trabalho doméstico como serviço doméstico remunerado e, assim, de maneira natural a empregada doméstica já herda o estigma de desvalorização, dessa maneira, confere-se aquela que contrata, que pode contar com o serviço de uma empregada doméstica status social.

Dentro desse contexto em que o trabalho natural às mulheres, o cuidar do lar, ganha proporções de emprego e leva a uma mulher a ter status social por poder contar com o trabalho de outra, direcionamos nosso olhar para as relações empreendidas entre as mulheres domésticas de Francisco Santos e seus patrões.

Ressaltando que trabalhou em várias casas de famílias como empregada doméstica Rosilma conta sobre o tratamento que lhe era dispensado no lar alheio:

Dependia das casas, tinha casa que os patrões eram melhor, eles tratavam a gente bem, passeava com a gente, tratava a gente com mesmos direitos que os filhos deles tinham, mas tinham patrões que eram ruim, saíam e deixavam a gente em casa cuidando das crianças e sem se divertir.(RODRIGUES, 2015).

Assim, Rosilma chegou a sentir como se pertencesse à família em alguns lares, já em outros ela se sentia excluída, pois não participava de nenhuma atividade de lazer que a família fazia, em outras casas ela participava das mesmas atividades que seus patrões e os filhos dos mesmos. Lançamos nosso olhar para o que diz Maria do Socorro acerca de seu relacionamento com os patrões:

Tinha patrões de todo jeito, uns bons e outros ruim, os bons tratavam a gente como iguais, saíam com a gente, as patroas mulheres eram amis exigentes do que os homens, as mulheres humilhavam mais a gente, elas tratavam a gente

como pessoas baixa, mas nem todas eram assim. Eu trabalhei em casas que patrões me tratavam muito bem, cuidavam de mim. (RODRIGUES, 2015).

Maria do Socorro conta-nos que em seu trabalho teve patrões bons e também ruins, em que, sobretudo, a patroa lhe tratava como se a mesma fosse inferior por ser empregada, mas em algumas casas ela se sentiu como membro da família, amparada. Não obstante Esteves (1989) afirma que havia patrões que além de maltratar as empregadas domésticas, ainda violavam sexualmente, sem contar os baixos salários que a classe recebeu ao longo da história.

Rosa Margarida conta-nos que não teve nenhum problema com seus patrões, “eles eram como meus pais”, ela diz, pois foi morar com os mesmos muito cedo, então eles praticamente a criaram, de sua casa ela só saiu para se casar, então viveu muito tempo no seio dessa família e a tinha como sua.

Eles me tratavam muito bem, como uma filha, só que eu trabalhava muito, mas eles gostavam de mim, e sempre diziam em todo lugar que era como uma filha para eles. Eu ainda hoje gosto demais deles e tenho eles como meus pais verdadeiros, ainda hoje quando vou na cidade deles, eu sempre visito eles e ela se eu for na Teresina e não for na casa dela, ela fica sentida demais. (PEREIRA, 2015).

Pela fala de Rosa Margarida, podemos perceber que a mesma sentia-se da família, pois vinha seus patrões como seus pais, e acredita que estes a tinham como filha, essa relação se mantém até a atualidade, ela sempre os visita quando vai à cidade que eles residem, nessa relação havia consideração e bom tratamento.

Rosa Neuma informa que teve alguns patrões, alguns eram bons, a tratavam bem, outros não, mas quando estes mostravam “cara feia” para a mesma, ela ia embora, pedia para ser demitida, pois não suportava maus-tratos. Sendo que, não se considerava inferior por ser doméstica, era uma pessoa igual as suas patroas, ela relata que muitos patrões “eram grosseiros, humilhavam, você tem que trabalhar porque precisa, tinha vez que eu chorava, mas trabalhava porque precisava, eles dizia que lugar de empregada era na cozinha, ai eu chorava e fazia minhas coisas direitinho” (FARIAS, 2015). Algumas relações eram conflituosas, embora Rosa Neuma não julgasse ser inferior as suas patrões, muitas destas não se consideravam em situação de igualdade com a empregada.

Para Ferreira (2006) com base em suas entrevistas com empregadas domésticas do Triângulo Mineiro, muitas empregadas domésticas expressam o desejo de igualdade em relação as suas patroas, de usar a mesma roupa, de frequentar os mesmos lugares e que muitas

empregadas domésticas avaliam como indispensáveis para o trabalho uma boa relação com as patroas, bom tratamento e consideração.

É preciso destacar que comumente no trabalho doméstico as empregadas moram com seus patrões, “eu morei e algumas casas em Picos, passava a semana e o fim de semana, elas deixavam eu vim para casa, à gente ganhava mais dinheiro trabalhando fora”. (RODRIGUES, 2015).

Rosilma morou com seus patrões quando saiu da cidade Francisco Santos para trabalhar em Picos em busca de um salário melhor, passava a semana com seus patrões e no final de semana regressava a sua cidade. Sobre o fato de morar com seus patrões ela ressalva que “não gostava de morar com meus patrões, na mesma casa, eu não me sentia a vontade, mas era obrigado porque era em outra cidade, eu trabalhei por muito tempo com uma mesma família”. (RODRIGUES, 2015).

A empregada doméstica Rosilma morava com a família para a qual trabalhava por falta de opção, a mesma não tinha como se deslocar todos os dias de Francisco Santos para Picos e, assim ficava com seus patrões, a falta de privacidade a deixa desconfortável, mas como era preciso trabalhar, tornava-se mais uma obrigação a ser tolerada.

Maria do Socorro passou pela mesma situação que Rosilma e também não apreciava o fato de morar com seus patrões, ela conta que:

Eu já morei com meus patrões, mas não gostava, era muito ruim, era ruim demais. No meu primeiro emprego eu trabalhava o dia na casa e de noite cuidava do filho da patroa, porque ela trabalhava. E também morei em outra cidade na casa dos patrões, mas é péssimo morar com os patrões. Eu sempre respeitei meus patrões, todos e acho que fui respeitada, o que tinha mesmo era preconceito. (SILVA, 2015).

Morar na casa em que trabalhavam é um aspecto bastante antigo no trabalho doméstico, aqui apesar de não gostarem de morar na casa de seus patrões Rosilma e Maria do Socorro não citam motivos para tal, nos deixando a pensar que isso se deva a falta de privacidade, ao convívio contínuo com pessoas de comportamento de temperamento diferente do seu e é claro pela sensação de sempre estar trabalhando. Maria do Socorro, ainda ressalta que existia uma relação de respeito com seus patrões, mas que sentia por parte dos mesmos uma espécie de preconceito.

Rosa Margarida, saiu de casa com sete anos e morou com seus patrões até quando se casou, não reclama deste fato, pois conforme expressou anteriormente, tinha seus patrões como seus pais e eles também a tratavam como uma filha, desse modo não reclama do fato de

ter que morar com os patrões, ela sentia-se da família. Já Rosa Neuma, afirma que não morou com patrões, não gostava de dormir fora de casa, então, embora trabalhasse o dia inteiro, a noite sempre ia para casa.

Por fim, após conversar com as empregadas domésticas de Francisco Santos na década de 1990 e compreender que a falta de opção as levava ao serviço doméstico, quisemos saber das mesmas de que maneira o serviço doméstico contribuiu para suas vidas, em que ele contribuiu em suas personalidades, assim obtivemos as seguintes respostas:

O trabalho doméstico contribuiu na minha vida porque hoje eu incentivo aos meus filhos a estudarem e não passar o que eu já passei como empregada doméstica, mas a pior profissão é a doméstica a gente é humilhada, discriminada, apesar de ser um emprego digno. (SILVA, 2015).

As representações que as mulheres revelam ter sobre o seu trabalho é marcado pela negatividade do serviço, reflexo das dificuldades enfrentadas nos exercícios do trabalho. Segundo Jacquet (2003) entre os motivos que justificam a posição menos favorável preenchida pelas mulheres no mercado de trabalho é a sua menor combatividade e poder de reivindicação. Durante séculos, os espaços de representação profissional para esse gênero nem sempre estão abertos ou facilitam sua participação e, de outro, muitas vezes falta à trabalhadora coragem e, também, tempo hábil para se engajar em outras atividades, além das que normalmente desenvolve no trabalho e junto à família.

As mulheres relatam que esta profissão contribui ainda para

Contribui porque com o trabalho doméstico a gente aprende muita coisa, aprende a dar mais valor ao serviço da gente, Não importa qual é o serviço, o importante é trabalhar pra ganhar o dinheiro de se sustentar e não depender de ninguém. (RODRIGUES, 2015).

Sobre a contribuição do trabalho doméstico em sua vida Rosa Neuma, afirma que o fato de ter trabalhado com muitas pessoas fez com que ela aprendesse bastante, “a gente aprende a ser melhor, outras vezes a gente dá à tacada do mesmo jeito”. Para Rosa Margarida o trabalho doméstico contribuiu para ser uma pessoa boa, pois seus patrões lhe ensinaram isso, eles diziam o que era bom e correto, daí ela aprendia e fazia o certo guiado por eles.

Terminado nosso estudo acerca das empregadas domésticas de Francisco Santos, podemos perceber que exerciam a profissão por falta de opção, a não ser a roça, não frequentando escolas, precisando ajudar os pais elas ingressaram em lares que não lhes pertenciam e tiveram que cuidar dos mesmos como se fossem seus, a relação com os patrões variou conforme cada trabalho, cada casa era uma casa e cada patrão era único, assim ora

foram tidas como da família, e tratadas com carinho e cuidado, ora foram menosprezadas e sentiram-se vítimas de preconceito e discriminação.

Quanto ao que levam de experiência consigo fornecida pelo trabalho doméstico é o que é característico de sua personalidade e parte indissociável da mesma, é sua vida, sua trajetória e história, para Maria do Socorro ter sido empregada doméstica é motivo para incentivar os filhos a estudarem e não terem que exercer essa mesma profissão, para Rosilma ter sido empregada doméstica é ter tido um emprego que bom ou ruim lhe garantia o sustento e, assim, o serviço doméstico perpassa suas histórias de vida e traçam aspectos únicos de suas personalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou abordar as experiências de vida das empregadas domésticas de Francisco Santos-PI na década de 1990, assim empreendemos uma discussão acerca da formação da cidade da tradição sertaneja da mesma, posto que tal abordagem se fez necessária para compreender o porque de as jovens de classe baixa e média da cidade não encontrarem outra opção de emprego, além do serviço doméstico, dessa forma pode-se perceber que pela ausência de fabricas e comércio na cidade as mulheres tentavam fugir do trabalho na roça e foi ai que o trabalho doméstico se estabeleceu fortemente entre as mesmas.

Nosso objetivo, portanto, constituiu-se em descobrir e contar a vida das empregadas domésticas de Francisco Santos, construir uma história das mulheres que durante os anos 1990 exerceram a profissão de doméstica nessa cidade, para tanto intercalamos as fontes oral e bibliográfica que viabilizaram nosso estudo e uniram-se para contar uma história das mulheres.

Assim, este estudo apresentou as trajetórias e experiências de vida das mulheres que dedicaram sua vida a cuidar de famílias que não eram suas, apresentando as possibilidades e perspectivas da cidade na época de nosso recorte temporal, analisando se havia espaço para as jovens franciscossantenses além do serviço doméstico.

Assim, podemos constatar que a cidade de Francisco Santos não mostrava possibilidades de estudos para as jovens, sendo que as condições da época mostravam que o trabalho era mais adequado do que o estudo, pois as jovens precisavam se manter. Observando a trajetória de vida das empregadas domésticas de Francisco Santos percebemos que o serviço doméstico muitas vezes começava na infância, desde cedo as meninas eram talhadas para o trabalho no lar, para serem donas de casa.

Os pais não costumam incentivar que as filhas estudassem, a maioria trabalhava na roça, pois a cidade tinha forte tradição sertaneja, e as jovens se não buscassem outra alternativa acabavam por também inserir-se nesse trabalho, desse modo constatamos que a cidade de Francisco Santos não oferecia emprego em fábricas, pois este teve apenas uma fábrica na década de 90 que optava preferencialmente pelo trabalho masculino e por aqueles que haviam estudado, assim as mulheres franciscossantenses não encontravam espaços na fábrica, também o comércio era incipiente na cidade, assim fora o trabalho na roça estás só podiam abraçar mesmo o trabalho doméstico.

Mostramos, assim, suas trajetórias de vida e podemos constar como encararam o serviço doméstico, conhecendo aspectos de sua infância e juventude, onde podemos concluir

que a vida não se mostrou fácil para nenhuma das empregadas domésticas de Francisco Santos e que essa profissão veio da falta de opção, pois sem terem recebido educação, não encontravam outra alternativa de vida.

O trabalho na casa dos outros, mostrava-se difícil eram duras as jornadas de serviço, e não tinham as empregadas nenhum direito que lhes assegurasse, tomavam conta da casa de seus patrões por completo e cuidavam de seus filhos, assim o trabalho era de sol a sol e na maioria das vezes apenas o domingo era livre de trabalho.

Importante em nosso estudo foi mostrar como se dava as relações de trabalho entre patrões e empregadas domésticas no seio de um lar, os elementos que norteavam essa relação, os pontos positivos e os negativos, partindo também de uma discussão acerca dos modos de trabalho dessas mulheres, assim podemos conhecer as atividades que elas praticavam no lar de uma família, que consequências esse trabalho trazia para a relação entre patrões e empregadas.

Assim, a maioria das entrevistadas mostraram que sofriam algum tipo de humilhação na casa de seus patrões, eram menosprezadas e encaravam a situação porque realmente precisavam desse emprego para o sustento, desse modo a assertiva de que as empregadas domésticas eram como se fossem da família mostrou-se errônea, a não ser em uma das trajetórias abordadas, onde a empregada doméstica disse que sentia-se realmente da família, que tinha seus patrões como seus pais, pois foi morar com eles desde que era uma criança de sete anos e observava nos mesmos o sentimento de afeto para com ela.

Ainda foi possível constatar que as empregadas domésticas de Francisco Santos vivenciaram a profissão e acolheram o que de bom está podia lhe passar, afirmando que a mesma é parte integrante de sua personalidade, que foi moldada a partir dessa experiência, assim acolheram o que de melhor ela lhe ofereceu, aprenderam também com os patrões, alguns pareceram ter a preocupação de ensinar o que era certo e as afastarem dos erros, outros ensinaram como ser melhor, ao passo que estas mulheres absorviam conhecimento e distanciavam-se da conduta errônea de seus patrões.

Esperamos dessa forma, que este trabalho tenha relevância para o âmbito acadêmico, à medida que trata de um assunto novo e aborda a questão do trabalho doméstico e sua relevância para as mulheres, esperamos que possua relevância, ainda, para a sociedade, pois parte de questões muito próprias de um lugar que tomam proporções maiores e fazem parte de uma história maior.

Assim, não colocamos aqui um ponto final, mas deixamos em aberto para que novos estudos sejam realizados sobre essa temática e venham a engrandecer a história de mulheres

que munidas de sua força de trabalho transformaram as relações sociais de seu tempo e construir uma história de luta e força em meio a um trabalho discriminado por setores sociais. Portanto, nosso trabalho propôs-se a contar uma história das mulheres, estas mulheres são as empregadas domésticas de Francisco Santos, singulares em suas experiências e vivências, singulares em suas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo, Cortez, 2006.

BACELAR, Jefersom. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador* – Rio de Janeiro, Pallas, 2008.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho das mulheres no Brasil: Continuidades e mudanças no período 1985-1995*. São Paulo, 1988.

_____, Cristina. *Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?* Águas de Lindóia: trabalho apresentado no II Congresso Latino-americano de Sociologia do Trabalho, 2006.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. Feminismo e masculinidade no início do século XX. *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol.9, Ano 9, nº 3, 2012.

_____. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535f. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

_____. *Múltiplas e singulares: História e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia/* - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COSTA, Maria do Carmo Rodrigues. *Os professores leigos e suas histórias: uma abordagem sobre a docência na microrregião de Picos no período de 1980 a 1996*. 2014. Monografia (Licenciatura em história). Universidade Federal do Piauí. Picos, 2014.

DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. 2. ed. — São Paulo : Contexto, 2006.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

FEDIUK, Marínea Maria. *Empregadas domésticas: uma revisão da literatura brasileira*. 2005. Disponível em: <http://www.cni.unc.br/psicologia/empregadadomestica2.pdf>. Acesso em 09 de julho de 2014.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. *Trabalho em Domicílio: Quotidiano de Trabalhadoras Domésticas e Donas de Casa no Triângulo Mineiro (1950-2005)*. 218f. Tese (História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUSMÃO, X. *Os novos direitos do empregado doméstico*. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/>

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Vértice, 1992.

JACQUET, C. *Urbanização e emprego doméstico*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 18, n. 52, p. 163-219, jun. 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. Ed. Capinas, São Paulo, UNICAMP, 2003.

LOVE, Joseph L. A república brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937). IN: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem incompleta: a experiência brasileira*, São Paulo, SENAC, 2000.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral-Minas Gerais (1890-1948)*. 2007. 302f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2007.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *História da vida privada no Brasil*. Org. SEVCENKO, Nicolau. São Paulo, Companhia das Latras, 1998.

MELO, Hildete Pereira de. *O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras*. Rio de Janeiro, 1988.

MESTRE, M. B. A. *Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)*. (Tese). CURITIBA, 2004.

MOTT, Luiz R. B. *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

NERI, Marcelo. Et al. *Mercado de trabalho nos anos 90: fatos estilizados e interpretações*. IPEA, Rio de Janeiro, 2000.

NOMA, Amélia Kimiko. *Reforma do estado e da educação no Brasil dos anos 1990*. 2003. Disponível: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/AC19.pdf>. Acesso em 26 de dezembro de 2015.

PEREIRA, Bergman de Paula. *De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição*. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf. Acesso em 08 de julho de 2014.

PERROT, Michelle. DOSSIÊ: "História das Mulheres no Ocidente. *Escrever uma história das mulheres*: relato de uma experiência. Cadernos pagu. Vol 4. 1995: p. 9-28.

_____. *Minha História das mulheres*. São Paulo. Editora contexto. 2007.

_____. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

RAGO, Margareth. *As mulheres na historiografia brasileira*. Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

REIS, Amanda de Cássia Campos. *Visão Panorâmica da História da Educação no Piauí: do Período Colonial ao Período Imperial*. 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_11_2010.pdf. Acesso em: 16 de julho de 2014.

SANCHES, Solange. *Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente*. 2009. Revista Estudos Femininos. Vol 17. Nº 3. 2009.

SILVA, João Bosco da. *Jenipapeiro: A Terra dos Espritados*. Teresina-PI, Gráfica Halley, 2010.

SILVA NETO, Mariano da. *O município de Francisco Santos: estudo e memória*. Teresina, COMEPI, 1985.

YANO, Nina Machado; Monteiro, Marley Modesto. *Mudanças institucionais na década de 1990 e seus efeitos sobre a produtividade total dos fatores*. 2008. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211610100-.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

FONTES:

FARIAS, Rosa Neuma de Jesus. *Entrevista* concedida a pesquisadora Kaiame Teilla de Jesus Lima. dezembro de 2015.

PEREIRA, Rosa Margarida dos Santos. *Entrevista* concedida a pesquisadora Kaiame Teilla de Jesus Lima. dezembro de 2015.

RODRIGUES, Rosilma Maria da Silva. *Entrevista* concedida a pesquisadora Kaiame Teilla de Jesus Lima. maio de 2015.

SILVA, Maria do Socorro da. *Entrevista* concedida a pesquisadora Kaiame Teilla de Jesus Lima. maio de 2015.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 Que opções a cidade de Francisco Santos apresentava para as jovens de classe baixa na década de 1990, você enxergava outra alternativa, além de se tornar empregada doméstica?

2 Como a sociedade enxergava a mulher na época?

3 Fale sobre a profissão de doméstica e porque a escolheu.

4 Você recorda algo sobre as fábricas e o comércio em Francisco Santos em 1990?

5 O comércio e as fábricas ofereciam trabalho para as mulheres?

6 Fale do tempo em que você era criança, como foi sua educação, qual a sua relação com a família, conte sua história de vida.

7 Como a sua família vivia durante os anos de 1990? Sua família era da cidade? Como veio para a cidade de Francisco Santos?

8 Como era a educação da época? A família dava incentivo para você ir à escola?

9 Você precisava trabalhar para ajudar seus pais com as despesas de casa?

10 Por que muitas jovens saíam da cidade de Francisco Santos para trabalharem em outras regiões?

11 Você saiu da cidade de Francisco Santos? Porque?

12 O que você ganhava por seu trabalho como doméstica? Era o suficiente para sustentar sua família?

13 Como você constituiu sua família?

14 O trabalho de doméstica trouxe algo de bom?

15 Como você determinava o seu ritmo de trabalho? Era desgastante trabalhar como doméstica?

16 Era bastante comum no trabalho doméstico as empregadas morarem na casa de seus patrões, isso aconteceu com você? Como você se sentia em morar na casa do patrão?

17 Como era a sua relação com seus patrões? Você tinha algum sentimento por eles?

18 O trabalho doméstico contribuiu para você se tornar a pessoa que é hoje?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Kaiame Cavilla de Jesus Lima,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Os comandantes dos lares: a trajetória e história das
mulheres no serviço doméstico em Francisco Santos nos anos de 1990
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 30 de março de 2017.

Kaiame Cavilla de Jesus Lima
 Assinatura

Kaiame Cavilla de Jesus Lima
 Assinatura